

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADOLESCER – DE BEM COM A VIDA

MATINHOS

2010

ANA PAULA FLIEGNER DOS SANTOS  
GIOVANA GARCIA BONOTO

ADOLESCER – DE BEM COM A VIDA

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao Curso de Serviço Social  
da Universidade Federal do Paraná –  
Setor Litoral, como requisito parcial a  
obtenção do grau de Bacharel em  
Serviço Social.

Orientador: Prof. Diomar Augusto de  
Quadros.

MATINHOS

2010

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ANA PAULA FLIEGNER DOS SANTOS**

**GIOVANA GARCIA BONOTO**

**ADOLESCER – DE BEM COM A VIDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social pelo Curso de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral.

Matinhos, 22 de junho de 2010.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Diomar Augusto de Quadros  
Orientador  
UFPR – Setor Litoral

---

Prof. Antônio Sandro Schuartz  
Examinador  
UFPR – Setor Litoral

---

Prof. Daniel Canavese de Oliveira  
Examinador  
UFPR – Setor Litoral

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente e especialmente a minha mãe Elza, pela dedicação e preocupação constante. Sem ela, não haveria formas de eu me constituir na pessoa que sou hoje. Sem ela, a vontade de vencer e a coragem para lutar não estariam arraigadas em mim.

Á meu pai Samuel (*in memmorian*) pela falta que me faz e sei que aonde quer que esteja está guiando meus passos.

Á meu irmão Samuel, por sempre estar meu lado, me incentivando, e me proporcionando alegrias para que tivesse forças para continuar meu caminho.

Á minha irmã de coração Viviane, pela cumplicidade, compreensão, carinho, apoio e orações das quais foram essenciais para minha vida, e trajetória acadêmica.

À minha família em geral, pelo intenso apoio em relação a todas as questões e momentos da minha caminhada acadêmica.

Á Gi (Xiofaninha) minha companheira de caminhada, de insônias, pelo ombro amigo, pelas bagunças e construções diárias desse trabalho. Obrigada por me acolher nesse seu coração lindo.

Aos amig@s que fiz nessa caminhada de quatro anos, citar nomes seria injusto. Porque tod@s vocês foram essenciais para minha caminhada, agradeço tanto pelas horas de festas e alegrias, quanto pelas horas de choro e compreensão. Levo vocês como à parte mais doce de minha caminhada em Matinhos.

Ana Fliegner

Dedico esse trabalho a minha mãe M<sup>a</sup>. Regina e ao meu pai Pedro pelo amor, carinho, dedicação e compreensão. Descobri nessa fase a dor da saudade.

As minhas irmãs Angélica, Giuliana e M<sup>a</sup> Clara, pelo carinho e amor, obrigada por acompanharem meus passos apoiando minhas escolhas.

A Bel, amiga-irmã que Deus colocou no meu caminho, nem sei como seria essa caminhada sem sua companhia diária do meu lado. Obrigada pelas horas tristes e felizes, e acima de tudo pelo seu apoio.

A minha família por compreender a ausência e pelo apoio que sempre me deram.

Aos meus amig@s de Curitiba, Jacarezinho e Matinhos, pois citar nomes seria muito injusto, obrigado por tornaram essa caminhada divertida e inesquecível.

E principalmente, para Aninha, sem você esse trabalho não teria o menor sentido de existir. Obrigada pelas longas noites sem dormir, pela paciência e dedicação no nosso trabalho.

Giovana G. Bonoto

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por conduzir a nossa vida. Ao nosso orientador professor Diomar Augusto de Quadros pela orientação. A professora Giselle Meirelles pelo apoio, inspiração e amadurecimento dos nossos conhecimentos. Aos professores da UFPR, Setor Litoral que de alguma forma contribuíram para a construção desse trabalho, através dos conhecimentos repassados durante nossa formação. As nossas supervisoras de estágio Daiana Amódio e Tânia Guarilha, juntamente com a psicóloga Ana Elisa, pela oportunidade de trabalhar ao lado de vocês, pela troca de saberes, pelo partilhar de experiências, pelos ensinamentos e conversas. A toda equipe técnica do CRAS – Canoas que durante nosso estágio, tornaram essa fase especial, pelo carinho e amizade demonstrados. A todos os jovens que participaram intensamente dos encontros, sem eles/elas nada teria acontecido. Aos amigos pela sinceridade, carinho e compreensão nos momentos difíceis durante o processo de elaboração desse trabalho. A primeira turma de Serviço Social da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral, do ano de 2006, pelo ar do caminho enfrentado, momentos esses que contribuíram para nosso crescimento enquanto pessoa.

Agradecemos, por fim, a nossos pais, por serem à base de toda a nossa vida. Pela oportunidade de nos permitirem seguir nossos sonhos; por acreditarem em nosso potencial; pelo grande custeio de nossas vidas acadêmicas e, principalmente, pelo amor incondicional.

“Ninguém vive bem sua sexualidade numa sociedade tão restrita, tão hipócrita e falseadora de valores; uma sociedade que viveu a experiência trágica da interdição do corpo com repercussões políticas e ideológicas indiscutíveis; uma sociedade que nasceu negando o corpo.

Viver plenamente a sexualidade sem que esses fantasmas, mesmo os mais leves, os mais meigos, interfiram na intimidade do casal que ama e que faz amor, é muito difícil. É preciso viver relativamente bem a sexualidade. Não podemos assumir com êxito pelo menos relativo, a paternidade, a maternidade, o professorado, a política, sem que estejamos mais ou menos em paz com a sexualidade.”

Paulo Freire

## **RESUMO**

Observa-se a pressão que a sociedade exerce sobre o(a) adolescente, pois ele tem que se condicionar aos padrões que hoje se estabelecem, por meio do comportamento exigido pelo grupo ao qual pertence, causando, assim, uma confusão na sua forma de pensar. Isso ocorre também quando nos referimos à família, que, por sua vez, mantém as suas normas, por vezes muito rígidas, evitando, assim, que o jovem possa expor sobre as suas relações afetivas.

O adolescente normalmente tem dificuldade de interagir com a família em se tratando das suas questões e, quando isso se torna possível, geralmente as informações que recebem não suprem as suas dúvidas e curiosidades, pois as conversas limitam-se aos cuidados para não engravidar ou à idade para a vida sexual ser iniciada. A partir disso, os jovens procuram outras fontes de acesso, por muitas vezes limitadas e inadequadas, provenientes de amigos, mídia, ou de pessoas pouco preparadas para essa função, para os quais assuntos como relações afetivas, responsabilidades e escolhas passam a ser temas pouco abordados.

Este trabalho de conclusão de curso trata da sistematização dos dados coletados do projeto de intervenção de estágio de campo obrigatório, realizado no município de Pontal do Paraná-PR no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) localizado no Balneário Canoas.

A intervenção do projeto se deu através da realização de oficinas com o intuito de transmitir informações que proporcionem aos jovens a condição de decidir a melhor maneira de relacionar-se sexualmente e quais os métodos contraceptivos de proteção às DST-AIDS eles devem usar, para que possam tornar-se assim menos vulneráveis nos relacionamentos afetivos.

Para tanto, com esse trabalho – do Projeto Adolescer - De bem com a vida – a intenção foi de contribuir na formação do sujeito, como ser completo, não apenas no conhecimento intelectual, mas que ele possa se perceber como ser integral, com suas emoções, comportamentos, e que o mesmo possa a vir somar com as experiências, mudando a sua trajetória de vida, não se deixando levar apenas por emoções, fantasias, ou impulsos.

**PALAVRAS CHAVE:** Adolescentes. Sexualidade. Autonomia.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. DESENVOLVIMENTO DOS ENCONTROS.....</b>	<b>3</b>
2.1. Reunião com os pais.....	4
2.2. Primeiro Encontro: Relação Familiar.....	5
2.3. Segundo Encontro: O que é ser adolescente?.....	5
2.4. Terceiro Encontro: Fique esperto! Drogas, DST's e a AIDS.....	6
2.5. Quarto Encontro: Relações de Gênero, Diversidade Sexual e o Preconceito.....	6
2.6. Quinto Encontro: Filhos: tê-los ou não?.....	7
2.7. Para encerrar.....	7
<b>3. RESULTADO E DISCUSSÕES.....</b>	<b>8</b>
3.1 Observações sobre a construção da dinâmica dos encontros.....	8
3.2 Observações realizadas durante a reunião com os pais.....	9
3.3 Observações realizadas no encontro sobre relação familiar.....	11
3.4 Observações realizadas diante da perspectiva dos jovens com relação ao que é ser adolescente.....	14
3.5 Observações realizadas no encontro sobre drogas, DST/AIDS.....	21
3.6 Observações realizadas no encontro sobre diversidade sexual, relações de gênero e preconceito.....	26
3.7 Observações realizadas no último encontro sobre gravidez precoce.....	30
3.8 Observação sobre a avaliação das oficinas.....	32
3.9 Questionário.....	33
3.9.1 Observações gerais do questionário: sexo e idade dos(as) participantes.....	33
3.9.2 Principais meios pelos quais os(as) adolescentes obtém informações sobre sexualidade.....	35
3.9.3 Percepções dos(as) adolescentes diante da gravidez na adolescência.....	36
3.9.4 Percepções dos(as) adolescentes sobre virgindade.....	39
3.9.5 Observações sobre a iniciação sexual dos (as) adolescentes.....	42
3.9.6 Principais métodos contraceptivos conhecidos pelos (as) adolescentes.....	43
3.9.7 Percepções dos(as) adolescentes em relação à diversidade sexual.....	45
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>56</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A adolescência e a juventude vêm ocupando nas últimas décadas, um lugar de significativa relevância que vem causando grandes inquietações nos profissionais do campo social, do campo da saúde e da educação (HEILBORN, 2006).

A juventude é o momento em que a experimentação da sexualidade vai possibilitar uma estruturação de sua identidade. Assim, preconceitos e crenças organizam as possibilidades sexuais - afetivas dos jovens (ABRAMOVAY, 2004).

É muito difícil falar sobre sexo e sexualidade, mesmo estando este tema estampado em programas de televisão, músicas, revistas e tantas outras maneiras, que fazem parte do dia a dia e da nossa realidade (ABRAMOVAY, 2004). As famílias não oferecem formação a seus filhos, deixando-os que aprendam tudo na escola, ou muitas vezes com amigos, tendo a possibilidade de aprenderem de maneira extremamente errada, gerando nestes jovens preconceitos e tabus.

Reconhecer a sexualidade como construção social assemelha-se a dizer que as práticas e desejos são também construídos culturalmente, dependendo da diversidade de povos, concepções de mundo e costumes existentes; mesmo quando integrados em um só país, como ocorre no Brasil. Isso envolve a necessidade de questionamentos de idéias majoritariamente presentes na mídia, em condutas idealizadoras, que são naturalizadas, e, assim, generalizadas para todos os grupos sociais, independente de suas origens e localização (FIGUEIREDO, 1998, p. 230).

A sexualidade como uma construção social tem um lugar privilegiado na socialização dos jovens. Os jovens vivem em uma época em que acontecem profundas transformações econômicas e de valores na nossa sociedade, o que afeta sua transição para a vida adulta. Segundo Heilborn (2006), tradicionalmente, supõe-se que a juventude seja um barômetro das mudanças sociais, pois é sempre percebida como uma geração responsável pela transmissão de valores ou pela ruptura de determinados padrões.

Mesmo a sexualidade sendo um assunto proibido para diversos adultos, não é correto cobrar deles mais informações, porque a educação que receberam sobre sexualidade muitas vezes leva-os a não se sentirem a vontade para falar sobre o assunto com seus filhos. Alguns pais não falam sobre sexualidade por medo de que estejam incentivando seus filhos a prática do sexo, ou por não considerarem assunto para crianças, dentre outras razões. Essa dificuldade de diálogo com os pais se deve a

diferenças geracionais, segundo os jovens, que consideram seus pais mais rígidos, apelando para punições e castigos muitas vezes (CASTRO et al, 2004).

A adolescência caracteriza-se por diversas transições, sendo a passagem à sexualidade com parceiro a de maior repercussão. O aprendizado da sexualidade, contudo, não se restringe àquela da genitalidade, tampouco ao acontecimento da primeira relação sexual. Trata-se de um processo de experimentação pessoal e de impregnação pela cultura sexual do grupo, que se acelera na adolescência e juventude. O aprendizado constitui-se na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de cultura sexual (HEILBORN, 2006, p. 35).

Justamente por existir essa barreira de diálogo entre os jovens e seus familiares, quando o assunto em pauta se trata de sexualidade, o Projeto - Adolescer de bem com a vida, entra em cena.

Contudo a intenção desse trabalho não é dizer o que é certo ou errado diante dos assuntos estudados nas oficinas, e sim de apresentar informações sobre os temas, mostrando sempre os prós e contras de certos caminhos. Acredita-se que os jovens já são pressionados e cobrados demais pela sociedade diante de certas posturas, e não é objetivo do trabalho fazer parte desse rol de informações que direcionam a opinião dos adolescentes. Este trabalho de conclusão de curso trata-se da sistematização dos dados coletados do projeto de intervenção de estágio de campo obrigatório, realizado no município de Pontal do Paraná-PR no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) localizado no Balneário Canoas.

Trata-se de um projeto realizado com jovens entre 13 a 16 anos participantes do Programa ProJovem Adolescente<sup>1</sup> do referente município citado a cima.

A intervenção do projeto se deu através da realização de oficinas com o intuito de transmitir informações que proporcionem aos jovens a condição de decidir a melhor maneira de relacionar-se sexualmente e quais os métodos contraceptivos de proteção às DST-AIDS eles devem usar, para que possam tornar-se assim menos vulneráveis nos relacionamentos afetivos.

Para tanto, com esse trabalho – do Projeto Adolescer - De bem com a vida – a intenção foi de contribuir na formação do sujeito, como ser completo, não apenas no conhecimento intelectual, mas que ele possa se perceber como ser integral, com suas

---

<sup>1</sup> O Projovem Adolescente é um serviço socioeducativo, que integra as ações de Proteção Social Básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Ver em: <http://www.mds.gov.br/>

emoções, comportamentos, e que o mesmo possa vir somar com as experiências, mudando a sua trajetória de vida, não se deixando levar apenas por emoções, fantasias, ou impulsos.

Esse trabalho de conclusão de curso está apresentado em duas partes: a primeira será feita a exposição e descrição das oficinas realizadas com os adolescentes e no segundo momento a análise dos resultados do questionário aplicado no último encontro do projeto. Por fim a conclusão com o fechamento das experiências, leituras, e análises de todo processo dessa realidade social posta.

## **2 DESENVOLVIMENTO DOS ENCONTROS**

Para Castro et al, (2004) no estudo de fenômenos sociais, não existe uma única abordagem possível, nem só uma possibilidade de técnica, ou instrumentos de pesquisa privilegiados. Existem técnicas complementares, que possibilitam apreender a multiplicidade de pontos de vista a cerca dos temas-objeto de investigação. Assim, a combinação de técnicas diferenciadas – tais como aplicação de questionário, a realização de grupos focais e entrevistas, acompanhadas da técnica de observação direta – permite recolher os discursos dos atores e possibilita um estudo em profundidade do fenômeno, abarcando sua amplitude e complexidade.

Neste trabalho, a abordagem extensiva e a compreensiva se combinam de modo a identificar as vivências, as relações e as interações sociais, tendo como foco as percepções/ representações sobre questões relacionadas à sexualidade. A combinação de técnicas também visa a potencializar os benefícios que oferecem, bem como superar as limitações de cada uma delas (CASTRO et al, 2004).

A abordagem extensiva visa conhecer magnitudes. Baseia-se na representatividade e na capacidade inferencial dos dados e é característica das pesquisas que recorrem a questionários. Essa técnica pretende quantificar características e percepções das populações a partir de uma amostra probabilística, a qual possibilita obter resultados conjugados ao universo pesquisado (CASTRO et al, 2004)..

Já a abordagem compreensiva procura trabalhar qualitativamente o conteúdo de manifestações da vida social, tanto a partir de aspectos cognitivos quanto interacionais. Dentro dessa abordagem, as noções de contradição, conflito e a apreensão de diferentes

olhares são essenciais. A abordagem compreensiva foi adotada para qualificar as percepções, os sentidos, as intenções dos atores envolvidos por meio de grupos/ oficinas e observação *in loco* (CASTRO et al, 2004).

Os resultados obtidos a partir dessas técnicas possibilitam mapear os comportamentos e as posições dos (as) adolescentes quanto a questões como: aborto, gravidez precoce, iniciação sexual, virgindade, prevenção, métodos contraceptivos, formas de interação afetivo-sexual, como o ficar, e o namorar, diálogos com adultos de referência sobre sexualidade, tipos de violência como a homofobia, trabalhos sobre sexualidade e também de reflexões sobre a responsabilidade diante de certas adversidades (CASTRO et al, 2004). Temas esses que foram escolhidos para o Projeto Adolescer- De bem com vida, através de uma reunião realizada com os atores para coletar as temáticas das quais os mesmos gostariam de debater dentro da programação do Projeto ProJovem.

Para decidir a dinâmica dos encontros, os adolescentes relataram como seria o encontro ideal para cada um, o que não deveria faltar, e o que eles não gostavam.

Após essas falas, foram organizadas as temáticas a serem abordadas para a realização de cada encontro. Essa organização contou com algumas reuniões com a equipe técnica do CRAS – Centro de Referência de Assistência Social, de Pontal do Paraná, que contava com (02) Assistentes Sociais, (01) Psicóloga e (02) Estagiárias de Serviço Social.

## 2.1 REUNIÃO COM OS PAIS

Foi enviado aos pais um convite (ANEXO 1) para participar dessa reunião, realizada no dia 01 de outubro de 2009. Na reunião compareceram 17 pais/mães e/ou responsáveis dos adolescentes. Foi realizado um acolhimento com os pais, pedindo para que se apresentassem, dizendo nome e nome do/da filho/filha que participaria das oficinas.

Em seguida foi entregue o folder das oficinas (ANEXO 2), e juntamente com os pais leu-se ponto a ponto e explicando-se assim a intenção dos encontros. Conforme se foi lendo e fazendo as explanações, os pais/mães foram expondo suas opiniões e dificuldades com os filhos em relação aos com os temas propostos. Diante de alguns

relatos fizeram-se mais algumas explicações. Por fim, Finalizou-se se procedeu ao encerramento e foi oferecido um lanche para os pais.

## 2.2 PRIMEIRO ENCONTRO: RELAÇÃO FAMILIAR

No dia 15 de outubro de 2009, foi realizado o primeiro encontro do projeto “Adolescer- de bem com vida”. Este primeiro encontro contou com a participação de 20 adolescentes, sendo eles 11 meninas e 09 meninos.

Foram realizadas explanações sobre o projeto, seus objetivos, e como seria a dinâmica dos encontros. Foi pedido para que os adolescentes se apresentassem, dizendo nome, idade e perspectiva dos mesmos sobre o projeto.

Logo em seguida estabeleceu-se com os mesmos, alguns combinados, dos quais seriam “acordos” para haver respeito entre os jovens, independente de sua opinião exposta no grupo, e a importância da ética de cada um, não levando para fora dos encontros os relatos realizados ali.

Após esses combinados, iniciou-se o primeiro encontro, com a temática relação entre pais e filhos. Para levantar essa discussão, foi trabalhada a letra da musica “Um Par” do grupo Los Hermanos (ANEXO 3).

Com essa música pode-se fazer debates sobre: a família; a confiança entre pais e filhos (as); a importância do diálogo entre a família; privacidade; e autonomia.

## 2.3 SEGUNDO ENCONTRO: O QUE É SER ADOLESCENTE?

No dia 22 de outubro de 2009, foi realizado o segundo encontro do projeto “Adolescer- de bem com vida”. Este segundo encontro contou com a participação de 15 adolescentes, sendo eles 10 meninas e 05 meninos.

Iniciou-se o segundo encontro perguntando para os (as) adolescentes presentes o que é ser adolescente? Após as respostas realizaram-se explicações em slides de alguns termos e situações muito presentes nessa fase como: escolhas, caminhos, tribos e suas conseqüências; hormônios á flor da pele; sexo, prazer e reprodução; corpo, genitais e

algo mais; puberdade; masturbação; relação sexual; a primeira vez; o ficar, o namorar, o amor.

Assim conforme foi abordado cada tema, os adolescentes traziam suas experiências e dúvidas, e assim aconteceu o debate.

## 2.4 TERCEIRO ENCONTRO: FIQUE ESPERTO! DROGAS, DST E A AIDS

No dia 05 de novembro de 2009, foi realizado o terceiro encontro do projeto “Adolescer- de bem com vida”. Este terceiro encontro contou com a participação de 16 adolescentes, sendo eles 11 meninas e 05 meninos.

Para iniciar o terceiro encontro, foi perguntado para os (as) jovens se eles conheciam alguém que fazia o uso de algum tipo de droga? E o que era drogas para eles? Diante das falas, iniciou-se um debate sobre drogas.

Um dos adolescentes sugeriu uma música para esse debate, “Dr. Destino” do cantor Da Guedes (ANEXO 4). Após ouvir a música os (as) jovens traziam algumas estrofes para traduzir exemplos, e situações corriqueiras enfrentadas em seu cotidiano. Ainda com a música foi possível iniciar outra discussão: DST/AIDS.

Após o debate sobre a importância das responsabilidades, e prevenção. Foram explanados para os (as) adolescentes sobre a AIDS, dentro do organismo de um soropositivo.

Para finalizar o encontro, foi assistido o Vídeo Rap da Prevenção com os cantores Do Gueto, MFS e Ana, e diante de sua letra (ANEXO 5) encerrou-se com o debate de que ninguém é imune a AIDS, e a importância da camisinha.

## 2.5 QUARTO ENCONTRO: RELAÇÕES DE GÊNERO, DIVERSIDADE SEXUAL E O PRECONCEITO.

No dia 12 de novembro de 2009, foi realizado o quarto encontro do projeto “Adolescer- de bem com vida”. Este quarto encontro contou com a participação de 10 adolescentes, sendo eles 06 meninas e 04 meninos.

O encontro foi iniciado com a seguinte pergunta para os adolescentes, se existiam diferenças entre ser homem e ser mulher? Diante das respostas dos (as) adolescentes foi iniciada discussões sobre as relações de gênero existentes na sociedade. Como a discussão foi partindo para um viés machista, perguntou-se aos adolescentes do sexo masculino presentes, se eles choravam?

Após as respostas adquiridas com essa pergunta, iniciou-se uma discussão sobre preconceito. Dentro das discussões foi realizado um debate sobre questões que geram muito preconceito como: prostituição e a diversidade sexual.

## 2.6 QUINTO ENCONTRO: FILHOS: TÊ-LOS OU NÃO?

No dia 19 de novembro de 2009, foi realizado o quinto encontro do projeto “Adolescer - de bem com vida”. Este quinto encontro contou com a participação de 15 adolescentes, sendo eles 11 meninas e 04 meninos.

Neste encontro perguntou-se as adolescentes do sexo feminino se elas gostariam de serem mães? Após as respostas e comentários, levantou-se a questão da paternidade. Baseando-se nos relatos apresentados trouxe-se a questão do aborto, como ele é visto dentro do país, e em quais situações ele é legalizado.

Para a questão filhos: tê-los ou não? Explicou-se que querer ser mãe/pai na adolescência é valido, desde que pensado muito bem nas implicações dessa decisão. E para aqueles/ aquelas que não pretendem ser pai/mãe tão cedo, apresentou-se a importância do uso de preservativos.

Finalizou-se o encontro com o vídeo “Relatos de uma adolescente grávida”.

## 2.7 PARA ENCERRAR...

Realizou-se uma avaliação para levantar a opinião dos (as) adolescentes em relação ao trabalho desenvolvido. Abriu-se espaço para as discussões sobre qual a opinião dos (as) adolescentes com relação à realização do projeto, no qual eles puderam opinar sobre os pontos positivos e negativos do trabalho.

Para finalizar os encontros foi aplicado um questionário (ANEXO 6), com nove questões.

Construiu-se o questionário baseando-se nas pesquisas realizadas pela Abramovay (2004), e de outros questionários construídos para outras pesquisas realizadas dentro da universidade.

No questionário buscaram-se informações como: de onde os (as) adolescentes obtêm informações sobre sexualidade; concepções sobre gravidez precoce; abordagens sobre a importância da virgindade; primeira relação sexual, e a idade com que ela aconteceu; métodos contraceptivos mais comuns entre os jovens; preconceito com a diversidade sexual; e opinião sobre o preconceito.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1 OBRVAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA DINÂMICA DOS ENCONTROS**

No dia 19 de agosto de 2009, foi realizada junto aos adolescentes que frequentam o ProJovem uma conversa sobre temáticas das quais eles gostariam de conversar dentro da programação do grupo. Essa conversa contou com 20 adolescentes, sendo eles 11 meninas e 09 meninos. Os mesmos mostraram interesse pelas temáticas de sexualidade. Após escolher os temas para os encontros, discutiu-se como seria a dinâmica de cada oficina e qual a perspectiva dos jovens com relação às temáticas ali definidas.

As perspectivas dos jovens na maioria de suas respostas foram positivas, muitos disseram que possuíam dúvidas e que seria interessante a participação nos encontros, outros estavam preocupados como seria a dinâmica dos encontros, pois alegaram estar cansados de “palestras”, observe:

“Ai, eu sou contra palestras que o cara chega na nossa frente fica falando por horas e no final pergunta se temos dúvidas, pra mim temos que ir participando conforme for dando vontade ou tendo dúvidas”.(Adolescente 04)

“Eu gosto da proposta e dos temas, só espero que os encontros não fiquem chatos.” (Adolescente 03)



“Eu não gosto de dinâmicas que fazem a gente ficar com vergonha, nem que me obriguem a falar, se eu quiser eu falo.” (Adolescente 08)

“Bem isso mesmo, poderia ser um encontro que fala quem quer.” (Adolescente 19)

“Eu participo desde que não tenha que fazer teatro, não gosto disso, me dá vergonha.” (Adolescente 12)

“Eu queria encontros com mais música, e vídeos. Textos me dão sono ainda mais que os encontros são de manhã.” (Adolescente 04)

“Sei lá, acho que seria legal se a gente pudesse falar apenas quando quisesse, e fossem encontros divertidos, que deixassem a gente espertos.” (Adolescente 18)

O ponto de partida é a valorização da fala do(a) jovem e seus maiores focos de atenção. Sabe-se ainda que esse interesse varia, por motivos diversos, inclusive de acordo com a faixa etária. Também é importante trabalhar os vínculos entre o adolescente e sua “turma”. Tornou-se fundamental a valorização da vontade de falar e de discutir os temas. O debate foi primordial, pois garante o exercício de organizar os pensamentos e elaborar na forma oral ou escrita seus posicionamentos diante de determinadas questões. Os encontros priorizaram a problematização e os estímulos para um debate dirigido, no qual cada um teve a sua vez de falar e o direito de ser ouvido (EGYPTO, 2003).

Novamente foi reforçada a metodologia, e esclarecido aos jovens que o encontro seria construído com eles/para eles, que caso alguma dinâmica fosse desinteressante eles teriam total liberdade para dizer que estava “chato”, assim seria estudado melhores dinâmicas, das quais fossem interessantes para os mesmos.

### 3.2 OBSERVAÇÕES REALIZADAS DURANTE A REUNIÃO COM OS PAIS

Reunião realizada no dia 01 de outubro de 2009. Na reunião compareceram 17 pais/mães e responsáveis dos adolescentes. Depois de explicado sobre os temas de cada encontro, muitas mães mostraram entusiasmo, pois confessam que tratar de temas como sexualidade em casa é muito difícil, pois sentem vergonha de falar sobre o tema, ou não

possuem conhecimentos para repassar informações com segurança para seus/suas filhos  
(as) Observe:

“Agradeço pelo curso, pois eu mesma não consigo passar essas coisas para meus filhos, tenho vergonha porque eu mesma nunca tive essas explicações direito.” (Responsável 01)

“Eu também acho bacana o curso, acho que assim minha filha aprende que precisa se cuidar para não ser mãe muito novinha.” (Responsável 02)

“Eu acho que deveriam ensinar isso na escola, mas minha filha diz que teve uma aula e nada mais sobre sexo, então quanto mais informação ela receber com relação a isso, vai saber se cuidar.” (Responsável 03)

“Concordo com o curso, só acho que tem que tomar cuidado com o que vocês falam, pois sabem como são os jovens.” (Responsável 04)

“Acho bom, pois é nessa fase que eles fazem coisas erradas e depois ficam com filho nos braços sem poder fazer mais nada além de cuidar da criança.”(Responsável 05)

“Muito bom, seria bom os pais terem esse curso também.” (Responsável 06)

Segundo Egypto (2003) há pais que ficam receosos com esse tipo de trabalho, pois acham que instigam as crianças ou antecipam problemas e conflitos. Mas, ao longo deste estudo, descobrimos que não há hora certa para ocorrer problemas e não importa a idade dos (as) filhos (as); quando eles chegam, é sempre uma surpresa e em geral estamos despreparados! Quanto ao fato das informações instigarem os (as) adolescentes, aguçando sua curiosidade, não há fundamento teórico, nem mesmo empírico que reforce esta concepção. A ignorância não livra ninguém de problema nenhum e a informação, se é dada de maneira simples, correta e natural, não gera ansiedade; ao contrário, cria sensações de segurança que se originam do conhecimento do seu próprio corpo e de suas sensações.

### 3.3 OBERVAÇÕES REALIZADAS NO ENCONTRO SOBRE RELAÇÃO FAMILIAR

No dia 15 de outubro de 2009, foi realizado o primeiro encontro do projeto “Adolescer- de bem com vida”. Este primeiro encontro contou com a participação de 20 adolescentes.

Inicia-se nossa discussão com a música “Um Par, dos Los Hermanos” (ANEXO 03). Após ouvirem a música, foi começada a discussão, buscando o que cada participante achava que a música se referia, e se algum trecho da mesma trazia alguma lembrança de alguma situação vivida.

Os adolescentes começaram logo, a citar trechos da música que traduziam algumas situações do cotidiano, então como todos tinham alguma situação para exemplificar, entrou-se em comum acordo de ler as estrofes da música, e cada um falaria o que entendeu, ou já passou.

Na primeira estrofe os adolescentes logo se identificaram, trazendo situações como: assistindo televisão, se deparam com um comercial de uma roupa “super” da moda, ou um tênis “super” transado. E a partir daquele momento, passam a desejar aqueles materiais de consumo, e não param de “perturbar” os pais até conseguirem.

“Gosto de coisas novas e diferentes, então quando vejo algo legal sempre peço para meus pais.” (Adolescente 11)

“Eu até tento pedir roupas na moda, mas minha mãe sempre diz que não, que já tenho muitas roupas.” (Adolescente 01)

“Gosto de comprar jogos de vídeo game, mas tenho que comprar escondido porque minha mãe sempre briga comigo se souber que comprei mais um, ela diz que eu sou fogo de palha.” (Adolescente 17)

Muitas vezes quando conseguem os tão sonhados objetos, usam por pouco tempo e logo enjoam, porque a moda já passou, e logo possuem outros produtos em mente. Porque os “antigos” já não são tão interessantes. Dentro dessas situações citadas, foi realizada uma conversa sobre a mídia, o papel dela em fazer propagandas “super” legais e coloridas para chamar atenção, e induzir a consumir. Sobre a dificuldade dos pais em entender esse tipo de situação, e a importância da conversa nessas situações, pois assim como os jovens sentem-se incompreendidos, os pais encontram-se na mesma situação (RIBEIRO et al, 2001).

Segundo Faleiros (2003, p. 191):

O marketing enfatiza não as necessidades, mas aos objetos fabricados através de "imagem da marca", veiculados pelos meios de comunicação e principalmente pela televisão, que estimula constantemente o apetite de consumir o mais moderno, o mais fácil, o mais sedutor, o mais bonito na busca de símbolos do prazer e da felicidade

A segunda e terceira estrofes trouxeram para o grupo discussões sobre a confiança dos pais, pois assim como diz a letra da música, o jovem comprou um presente para os pais, e logo o pai ou a mãe questiona de onde saiu o dinheiro para comprar aquele presente. Se o dinheiro é ilegal. Com isso retoma-se a importância da conversa na família, pois muitas vezes os pais não possuem essas preocupações por maldade, mas sim por cuidado, medo que os filhos se metam em alguma confusão (RIBEIRO et al, 2001). Mesmo com essa explanação, muitos adolescentes confirmaram que mesmo assim, gostariam que os pais fossem mais confiantes nos próprios filhos, e ainda dizem que muitas vezes essa desconfiança sem sentido, faz o jovem se revoltar e fazer as coisas só por “birra”.

“Às vezes eu faço coisas erradas sim, mas só pra provocar minha mãe que sempre diz que eu to fazendo algo errado, sendo que nem estou.” (Adolescente 14)

“Meu pai sempre acha que estou usando maconha, só porque eu saio com a galera e demoro pra voltar.” (Adolescente 20)

“Meus pais só me deixam sair com minha irmã mais velha, como se ela fosse me vigiar, mas nós somos amigas.” (Adolescente 03)

“É bem como diz a música mesmo, eu junto dinheiro pra comprar um presente pra minha mãe, e antes de agradecer ela sempre faz uma cara e pergunta da onde tirei dinheiro.” (Adolescente 09)

“Eu nem ligo mais para minha mãe, ela briga comigo por tudo mesmo.” (Adolescente 14)

Através dos relatos os adolescentes deixam clara a dificuldade que eles têm de dialogar com os pais, que sentem falta do companheirismo dos mesmos, pois reclamam que os pais não os entendem, e nem ao menos tentam conversar, logo vão julgando.

A última estrofe trouxe questões como privacidade, autonomia, dizem que sentem falta de um canto privativo, na qual possam ficar quietos quando desejarem, de

ouvirem música, ou seja, de um “mundinho”, e como não encontram isso dentro de casa, buscam fora e mais uma vez os pais desconfiam. Quando tomam alguma atitude que seja contra a dos pais, levam broncas e dizem que a maioria dos pais traçou caminhos para eles e não deixam que os mesmos façam suas essas escolhas.

“Se eu fico quieta no meu canto minha mãe já vem perguntar o porquê o peso na consciência.” (Adolescente 14)

“Não tenho privacidade dentro de casa, tem muita gente lá, daí eu fico na rua.” (Adolescente 06)

“Quando quero ficar sozinha, vou na praia ou pra casa de alguma amiga pra conversar.” (Adolescente 16)

“Eu falo pra minha mãe que quero ser médica, ela diz que é melhor eu pensar bem, pois ela acha que eu deveria ser professora porque é mais fácil. Isso me deixa muito chateada.” (Adolescente 12)

“Eu queria poder jogar futebol, mas minha mãe diz que serei advogado. O futuro é meu eu deveria decidir.” (Adolescente 20)

“Eu nem escuto mais minha mãe, ela sempre manda fazer coisas das quais eu odeio mesmo.” (Adolescente 20)

Percebe-se através dos relatos a dificuldade que o jovem encontra em ter sua privacidade respeitada dentro do espaço familiar, que buscam essa privacidade fora de casa. E quando precisam conversar sobre algo que os angustiam, ou simplesmente conversar, buscam alguém próximo, geralmente os (as) amigos (as).

Lembra-se que a família é o primeiro grupo social em nossa vida. Os sentimentos entre as pessoas que convivem juntas costumam ser muito fortes, o que pode muitas vezes dificultar a harmonia nos relacionamentos familiares. As próprias diferenças de personalidade e de idade também contribuem para isso (RIBEIRO et al, 2001).

Geralmente, os pais desejam o melhor para seus filhos, mas nem sempre suas atitudes correspondem aos desejos e às necessidades destes. O mesmo pode ocorrer com os filhos em relação a seus pais. A diferença de criação e experiência de vida pode afastar as pessoas de uma mesma família se estas não estiverem dispostas a conversar e se entender (BOCARDI, 2003).

Explicou-se que é importante manter a calma. Que respeitando a si próprio e ao outro, fica mais fácil conversar. A comunicação é muito importante para o adolescente

conquistar seu espaço e chegar a um entendimento. E que muitas vezes é complicado compreender a si mesmo, tornando assim mais difícil a compreensão por parte de outras pessoas. Por isso, expressar os sentimentos e as limitações pode contribuir bastante. A família não é perfeita, pois possui suas limitações e nem sempre irão poder ajudar a resolver os problemas. É nessas horas que devem buscar aquele (a) pessoa na qual confiam para conversar sobre assuntos que muitas vezes não se sintam tão à vontade (RIBEIRO et al, 2001).

“Por isso que eu sempre converso com minhas amigas, elas me escutam e não me julgam. Se fosse minha mãe ela já ia querer me bater.” (Adolescente 09)

“Nem converso em casa sobre assuntos meus, pois sempre minha mãe tem algo mais importante pra fazer.” (Adolescente 15)

“Eu converso com minha irmã, é bom poder confiar em alguém da família.” (Adolescente 03)

### 3.4 OBSERVAÇÕES REALIZADAS DIANTE DA PERSPECTIVA DOS JOVENS COM RELAÇÃO AO QUE É SER ADOLESCENTE

No encontro realizado no dia 22, de outubro de 2009, estavam presentes 15 adolescentes.

Este encontro foi iniciado com o seguinte questionamento “O que é ser adolescente?”. Muitos relataram que ser adolescente é descobrir “coisas”, quando questionados sobre o que seriam essas coisas, relataram que é nessa idade que muitos começam a namorar, que algumas adolescentes engravidam, que alguns têm contato com drogas, que saem de casa, começam a trabalhar, enfim, entre tantas outras experiências. Para eles ser adolescente é uma fase de descobertas, e experimentações. Dizem que é nessa fase que escolhem o que serão quando adultos.

“Ser adolescente é conhecer um pouco o mundo dos adultos.” (Adolescente 01)

“É nessa idade que muitas meninas engravidam. Acredito que se os pais conversassem mais com a gente, muitas meninas não ficariam grávidas.” (Adolescente 05)

“É muito complicado, pois os pais ficam no nosso pé, achando que sabemos tudo. Mas poucas vezes esclarecem nossas dúvidas.” (Adolescente 20)

“Fase de muitas confusões, eu mesma tem dias que desejo ser criança de novo, porque é muito mais fácil.” (Adolescente 09)

“Os adultos exigem que sejamos adultos, mas não respeitam nossas atitudes, daí dizem que sou criança ainda para tomar certas decisões, eu não entendo.” (Adolescente 07)

“Eu gosto de ser adolescente, é uma fase de descobertas, de novas experiências, eu acho massa.” (Adolescente 04)

Diante do relato de algumas adolescentes percebe-se a preocupação em não poder conversar com os pais sobre sua vida. Dizem que os pais não orientam, e quando tomam alguma atitude, os mesmos dizem que está incorreta. Uma das jovens ainda afirma que muitas meninas engravidam por essa falta de diálogo existente entre os adolescentes e os pais. Bocardi (2003) relata que se não houver desde a infância entre a família e os adolescentes diálogos constantes, contínuos, carinhosos, de olho no olho, as primeiras relações sexuais não serão programadas e sim imprevisíveis.

Com apresentação em *slides* explicitou-se sobre a adolescência. Conforme foi apresentando os conceitos os jovens foram dando suas opiniões e relatando experiências.

Externou-se que a adolescência é um momento em que o corpo e a cabeça estão passando por muitas mudanças. Que é o processo de transformação das crianças em adultos, por isso tantas mudanças e confusões. Muitos jovens nessa fase sentem-se sozinhos, incompreendidos, inseguros – inseguros quanto ao que são inseguros sobre a opinião alheia, inseguros quanto ao futuro -, muitos também ficam insatisfeitos em relação às mudanças corporais (RIBEIRO et al, 2001).

Diante dessa fala, muitos dos jovens presentes relataram que se sentiam inseguros mesmo com relação ao futuro. Pois já havia surgido por parte dos pais, cobranças em relação á responsabilidades, emprego, profissão não percebendo assim muitas vezes a insegurança dos filhos diante de tantas mudanças. Estão cientes que precisam crescer, mas a carga de responsabilidades faz com que eles tenham um pouco de resistência diante de tantas cobranças. Uma das jovens afirma:

“Há dias que acordo me sentindo adulta e com muitas condições de assumir responsabilidades, outros dias acordo me sentindo uma criança e com vontade de não crescer.” (Adolescente 09)

Outra jovem se pronunciou em relação à difícil caminhada do primeiro emprego:

“Minha mãe fica me mandando procurar emprego, mas ela não entende que eles não dão emprego para gente sem experiência.” (Adolescente 18)

Tudo é muito comum na fase a qual eles/elas se encontram – adolescência-, porque um dos aspectos dessa fase é a busca de si mesmo, “de saber quem somos”. Para isso é preciso ter autonomia, fazer nossas próprias escolhas e “andar com as próprias pernas”. Assumindo responsabilidades, e conseqüentemente seus resultados. É nessa caminhada com as próprias pernas que irão fazer suas próprias escolhas, escolher caminhos, escolher tribos, e diante dessas escolhas aparecerão novas conseqüências, sejam elas boas ou ruins (SUPLICY, 1995).

Para alcançar sua autonomia e independência, as tribos – amigos – da escola, do bairro, e dos lugares que freqüenta são muito importantes, pois é com eles que o adolescente se sente mais a vontade, se identifica, com isso sentem-se mais seguros para conversar. Claro existem pessoas que não conseguem conversar sobre certos assuntos na frente de muitas pessoas, por isso tem aquele “super” amigo para conversar sobre tudo e mais um pouco. Independente de um ou muitos amigos é muito bom tê-los por perto, pois nessa fase cheia de novas experiências é sempre bom ter com quem compartilhar idéias e sentimentos (RIBEIRO et al, 2001).

Apesar de todos os pontos positivos de ter um grupo, uma tribo, é preciso estar atento a algumas dificuldades que podem surgir. Fazendo parte de um grupo/tribo, o (a) adolescente pode se sentir pressionado a fazer coisas que não quer, só para não ser mal falado (a) ou para sentir-se pertencente ao grupo. Também é possível copiar o comportamento de outras pessoas sem perceber e sem saber pra quê. É importante que o/a adolescente perceba realmente o que quer e aprenda a dizer não ao que não quer. Foi reforçado que quando eles/elas estiverem com dúvidas, que devem pensar mais um pouco e espere o tempo certo, em vez de agir por agir. Pois quando fazem coisas sem pensar é mais fácil se colocarem em situações de risco e mais tarde chegar o arrependimento, com as conseqüências (RIBEIRO et al, 2001).

Depois dessa fala os adolescentes relatam que realmente muitos grupos de amigos forçam a fazer coisas que muitos não querem. Nota-se que os adolescentes do sexo masculino são os que mais relatam essas experiências. Dizem que muitas das



coisas que fazem, fazem porque precisam provar que são homens diante dos amigos. Relatam também que conhecem muitos casos de adolescentes que se iniciaram nas drogas assim, por um desafio bobo que mais tarde tornou-se vício.

“É foda, porque tem uns amigos que ficam falando que somos mulherzinhas se não experimentarmos certas coisas.” (Adolescente 17)

“Eu aprendi a fumar com amigos, pois eles diziam que era massa.” (Adolescente 06)

“Tenho amigos que usam muita droga hoje, mas tudo porque outros amigos ficavam mandando eles usarem, e eles foram na onda.” (Adolescente 19)

“Meu irmão diz que fuma, porque meus pais fumam.” (Adolescente 01)

“Eu já vi muitos amigos fazerem apostas pra ver quem bebe mais, depois ficam tudo passando mal. Eu já bebi também, mas nunca passei mal.” (Adolescente 20)

Já as meninas relatam que entre elas o que mais acontece são perguntas sobre iniciação sexual. Uma delas diz que mente muitas coisas para as amigas, pois sente vergonha de ainda ser virgem. Mas que não considera isso um problema, pelo contrário, acha muito mais fácil mentir e proteger o corpo dela de muitas situações indesejadas.

“Minhas amigas sempre perguntam com quem estou ficando.” (Adolescente 05)

“As minhas amigas sempre perguntam se eu já fiz algo a mais do que ficar.” (Adolescente 10)

“Eu minto para minhas amigas, porque elas ficam me enchendo o saco, por ainda ser virgem.” (Adolescente 10)

“Mas acho mais fácil mentir, porque assim enquanto elas podem engravidar de certa forma eu to me protegendo de ficar grávida.” (Adolescente 10)

Neste mesmo encontro ainda conversou-se sobre algumas situações comuns na adolescência.

Na adolescência os hormônios estão a mil, e os impulsos sexuais à flor da pele. E aí muitas dúvidas começam a aparecer sobre um único assunto: sexo. Sexo é bom, maravilhoso, apaixonar-se é algo extraordinário, mas tem que haver responsabilidades (EGYPTO, 2005). Com o diálogo, aproveitou-se para enfatizar a importância da camisinha nas relações sexuais. Todos (as) concordaram que ficar com aquela pulga

atrás de orelha de dúvida, é uma aflição horrível. Que mudar a vida assim do dia pra noite, não é fácil.

“Nossa, imagina ficar com peso na consciência pensando se está grávida ou não, credo. Não quero passar por isso.” (Adolescente 03)

“Eu já achei que estava grávida. É horrível, pois a gente fica se culpando. Imagina ia mudar toda minha vida.” (Adolescente 15)

Muitas adolescentes relatam suas preocupações sobre a gravidez, e a externam como algo ruim, pois desde sempre é ensinado a essas jovens, que ficar grávida é ter um peso para o resto da vida. Mas longe de pragmatizar ainda mais o assunto buscou-se autores que fugissem dessas associações empobrecedoras da complexidade compreensiva sobre o tema e seus múltiplos significados, inclusive de poder, mesmo que, em muitos casos, ilusórios para as jovens, como refletem Catharino e Giffin (2002) *apud* Castro et al, (2004, p. 135):

Grande parte das análises que abordam esse fenômeno perde de vista a contextualização da problemática que, a nosso ver, não se reduz a ponderações maniqueístas, tal como: bom/mau; certo/errado; mas que requer uma análise que desvele seus fundamentos históricos, sociais, políticos e psicológicos. Não se trata aqui, de fazer a condenação ou o elogio da gravidez na adolescência. Trata-se, sim, de trazer à cena uma realidade que, sem negligenciar os perfis epidemiológicos, nos remetem a histórias: trajetórias que contêm sonhos, esperanças, dores, decepções e que permitem às meninas se apropriar das adversidades, para transformar – mesmo que ilusoriamente – o seu cotidiano em algo que valha a pena ser vivido. Ser mãe para estas meninas, talvez seja uma das poucas formas que lhes restam, no sentido de se colocarem no mundo como sujeitos sociais.

Foi explicado sobre a importância do cuidado com o corpo, da higiene pessoal, ainda mais relacionado às partes genitais humanas. Pois muitas infecções aparecem com o descuido do corpo. Apresentou-se *slides* com o aparelho genital masculino e feminino, explanando cada órgão e acontecimentos do corpo, como menarca (primeira menstruação), menopausa, tamanho dos seios, tamanho do pênis, ejaculação precoce e mudanças ocorridas no corpo feminino e masculino durante a puberdade (EGYPTO, 2005). Também foram respondidas algumas questões como:

“É verdade que masturbação causa espinhas?” (Adolescente 19)

“Sempre escuto falarem sobre o ponto g, onde fica o ponto g?” (Adolescente 09)

“Minhas amigas dizem que a primeira vez doeu, a primeira vez sempre dói?”  
(Adolescente 10)

Uma das maiores preocupações percebidas no grupo é com relação à primeira relação sexual. A iniciação sexual é destacada como um rito de passagem, envolvendo distintos trânsitos entre a infância, a adolescência (GALLAND, 1997) e a juventude. Em tal caminho se dá a afirmação da virilidade (NOLASCO, 1993), modelagens sobre feminilidade e a busca por autonomia, o que no senso comum se traduz com o “tornar-se homem” e o “fazer-se mulher”, perpassando, portanto, sentidos identitários diversos, como o que se entende por masculino e feminino e as realizações das trocas afetivas (ABRAMOVAY, 2004).

E a pergunta unânime dos adolescentes era “quando é que eu devo ter minha primeira relação?”. Foi explicado que depende de cada um, que não existe uma idade certa, nem ao menos uma receita a se seguir. Mas sim que existem detalhes que não podem ser esquecidos: ter autonomia para dizer ao parceiro (a) que sente-se seguro para realizar na primeira vez, e dizer quando não se sente bem em alguma situação (RIBEIRO et al, 2001). Ou seja, dizer não quando achar necessário. Se não se sente seguro para conversar essas coisas com o parceiro, significa despreparo, pois fazer coisas com as quais não estejam se sentindo seguros pode gerar desconfortos e até mesmo problemas mais tarde. Sexo é acima de tudo respeito, tanto com você quanto com o outro. Usar camisinha, por exemplo, é um sinal de respeito (EGYPTO, 2005).

Com relação à primeira vez, explica-se que não é legal forçar nada, nem apressar as coisas. Que mesmo que os amigos façam cobranças, que o (a) namorado (a) peça “prova de amor”, não caia nessa conversa, apenas realize suas vontades quando sentir-se seguro (a). Como foi dito no parágrafo acima, explicou-se que não existe uma regra sobre a primeira vez, que cada um sente uma coisa, que cada um faz coisas diferentes na primeira vez. Como o nome já diz “primeira vez”, é o descobrimento, conhecimento, o importante é o prazer, o carinho que se sente no momento. Com o tempo se ganha experiência, e por consequência descobre-se novas sensações, posições. Lembra-se que não precisa ser afobado (a) e querer realizar tudo que os amigos (as) dizem que deve ser feito na sua primeira vez. Faça apenas o que achar bom, e que não vai ultrapassar seus limites. Aproveite o momento, não fique pensando no que fazer depois. Por isso a

importância de fazer sexo com alguém que você confie. Pelo menos a primeira vez, para que esses “grilos” não fiquem na sua cabeça durante o ato (EGYPTO, 2005).

Após essa explicação algumas meninas da sala se pronunciaram dizendo que por isso que buscam um namorado “legal”, pois acreditam que esse namorado “legal” irá respeitar os seus limites. E ainda afirmam que caso ocorra algo indesejável como uma gravidez, por exemplo, esse namorado vai assumir o (a) filho (a).

“Tenho uma amiga que engravidou e o namorado não assumiu o filho dela. Por isso eu quero um namorado legal, que me apóie caso isso aconteça.” (Adolescente 14)

Para Abramovay (2004) outra dificuldade enfrentada pelas adolescentes que engravidam é a instabilidade dos vínculos conjugais, ou seja, a não disposição dos jovens para assumirem a paternidade.

“Também acho que a primeira vez deve ser alguém com quem você goste, porque daí ele não vai ter forçar a nada.” (Adolescente 10)

Os meninos riram ao ouvirem isso, e disseram que namorar é algo muito sério que a “onda” agora é “ficar”.

“As meninas já querem casar. O negócio é ficar.” (Adolescente 06)

“Eu hein, não quero ninguém pegando no meu pé.” (Adolescente 04)

Ao se destacar comportamentos sexuais entre jovens, hoje em dia, tem-se o “ficar” e termos correlatos, como reelaborações, para alguns, do namorar e para outros, como forma própria de interação sexual e afetiva, o que se discute a seguir.

Segundo Gonçalves *apud* (2001, p. 236) Fundação Roberto Marinho:

Ficar é uma experiência de estar com o outro, trocar carícias, intimidades, descobertas e sensações sobre o corpo e sobre si mesmo. Rolam beijos, abraços, e, eventualmente, pode-se chegar a uma transa. Os limites do ficar são determinados pelo próprio casal. Em geral inclui afetividade, porém não há um compromisso de continuidade ou exclusividade, mas o ficar poderá se transformar em namoro.

Por outro lado, Chaves (1995) conclui que o “ficar” abriga princípios fixos e, diferentemente de Gonçalves, desassocia o “ficar” do namorar e enfatiza o “ficar” como

orientado para fins próprios de satisfação de desejo, negando a conotação de interatividade/alteridade:

A falta de compromisso, a ética do desejo, a busca do prazer, o distanciamento entre norma/compromisso e prazer, a comutatividade do objeto, a negação da alteridade e a ausência da obrigatoriedade da transcendência. (Chaves, 1995 *apud* Messenger, 1999, p. 236).

Pode-se perceber com algumas falas dos jovens, mostram como o ficar é visto de formas diferentes pelas meninas e pelos meninos. Para as meninas o ficar é algo que antecede o futuro namoro. Para os meninos o ficar é a possibilidade da variação de parceiras. O que vale é a possibilidade de se tornar cada vez mais experiente na amorosidade e sexualidade (ABRAMOVAY, 2004).

### 3.5 OBSERVAÇÕES REALIZADAS NO ENCONTRO SOBRE DROGAS, DST/AIDS

Encontro realizado no dia 05 de novembro de 2009, estavam presentes 16 adolescentes.

Para iniciar essa oficina foi perguntado a cada jovem se os mesmos conheciam alguém que fazia o uso de algum tipo de droga. Todos/as disseram que sim. Então questionou-se o que era droga para eles/elas, obteve-se respostas como:

“É alguma substância viciante, cigarro, álcool, maconha, craque, cocaína, remédios.” (Adolescente 09)

“É algo que faz muito mal pra nossa cabeça.” (Adolescente 20)

“Pode até dar uma pira legal na hora, mas depois só problema.” (Adolescente 18)

“Conheço gente que só usou drogas, porque queria se sentir adulto.” (Adolescente 08)

Explanou-se que geralmente o (a) adolescente é rotulado (a) de rebelde, influenciável e atraído (a) pelo perigo. Pois é nessa fase que muitos (as) terão seu primeiro contato com algum tipo de droga. Sabe-se que jovens adolescentes sofrem com as mudanças que ocorrem no corpo, no emocional e nos relacionamentos. A

adolescência é um período estressante e confuso, caracterizado por alterações de humor e uma profunda insegurança. Essa insegurança se deve ao fato de que o adolescente está lutando para descobrir quem ele/ela é e como pode firmar a sua identidade e seu espaço no mundo. E é geralmente aí que muitos (as) jovens experimentam álcool, cigarro e drogas pela primeira vez (GARCIA et al, 1996).

Nesse momento um dos adolescentes diz o seguinte:

“Ah, todo mundo fala mal das drogas, mas se fossem ruins, ninguém usaria”.  
(Adolescente 07)

Diante dessa fala foi explicado que sim, a droga trás efeitos prazerosos, mas em compensação conseqüências em curto e longo prazo muitas vezes irreversíveis. Isso apenas falando de drogas mais comuns no meio adolescente como maconha, cigarro e bebidas alcoólicas. Por exemplo, em curto prazo as drogas trazem: mau hálito, manchas nos dentes, cheiro ruim nos cabelos e nas roupas. Já em longo prazo a maconha trás prejuízo das habilidades sociais e emocionais geralmente adquiridas na adolescência; comprometimento das funções cerebrais e do aprendizado, com perdas no aproveitamento escolar. O cigarro trás risco de câncer nos pulmões e enfisema. Já as bebidas alcoólicas trazem perdas no aproveitamento escolar, alta possibilidade de acidentes de carro e danos no fígado; vício, coma alcoólico e morte. Então foi esclarecido para os jovens ali presentes que a intenção ali não era dizer se a droga é ruim ou não, mas sim as conseqüências de usá-las (GARCIA et al, 1996).

Ser maduro e ter autonomia é fazer escolhas com responsabilidade e pensar nas conseqüências. Usar drogas pode ser prazeroso por um curto momento, mas em compensação as conseqüências não têm mais volta. Será que vale a pena comprometer um futuro apenas por minutos de prazer, que podem ser adquiridos de outra forma?

Os adolescentes iniciaram uma discussão encima dessa pergunta. E muitos relatam:

“Já tive muitas oportunidades de experimentar drogas, mas sempre penso no meu futuro.” (Adolescente 08)

“Eu também já tive oportunidades de usar, mas penso que se minha mãe descobrir eu to morta.” (Adolescente 03)

“Minha mãe ficaria muito chateada comigo, pois ela sempre diz que confia em mim.” (Adolescente 03)

Outro jovem relata que possui alguém na família que é usuário de drogas:

“Eu nunca vou usar drogas, pois sei bem o resultado de usar, tenho um primo que usa e a vida dele acabou, o cara vendeu tudo de dentro de casa por causa da pedra. Minha tia sempre vai lá em casa chorando, contar pra minha mãe o que ele apronta. Não quero que minha mãe fique como minha tia.” (Adolescente 10)

Outra discussão foi iniciada ouvindo uma música, “Dr. Destino – Da Guedes” (ANEXO 4), sugerido por um dos adolescentes. A música trata sobre drogas e a AIDS.

A música trás frases que fizeram os adolescentes refletirem como, por exemplo, uma das frases da terceira parte da música que diz: “o álcool é o veneno que o governo coloca na sua mesa”, “garrafas bonitas, mulheres gostosas”. Foi abordada a seguinte pergunta, o álcool, também uma é uma droga, trás malefícios e mesmo assim é liberado, e aí? Mesmo tendo uma lei que proíbe a venda para menores, isso não impede que os mesmos o consumam. Os adolescentes pronunciaram-se na discussão dizendo:

“Eu nunca tive problemas em comprar cerveja ou qualquer outra coisa, nunca me pediram identidade.” (Adolescente 04)

“As propagandas de cerveja são muito boas, colocam mulheres gostosas, como se após bebermos fossemos ter uma daquelas, e aí camaradas vão lá e bebem.” (Adolescente 20)

“Sempre fazem propagandas com muita alegria, e amigos o que dá vontade de beber para ser feliz como os cara da propaganda.” (Adolescente 17)

Observa-se que realmente os adolescentes comprem bebidas alcoólicas sem nenhum problema, e que as propagandas incentivam o consumo do álcool, transformando a bebida em algo maravilhoso, o que acarreta a curiosidade e a vontade dos jovens, pois a mídia sempre associa a droga a momentos de prazer, de alegria com amigos. E não mostram as consequências de uso abusivo de álcool, e cada vez deixam as propagandas mais coloridas e com mulheres bonitas para chamar atenção. Uma adolescente completa nossa discussão dizendo:

“Duvido que se fizessem uma propaganda de cerveja colocando que ela pode causar cirrose hepática, que alguém ainda teria vontade de consumi-la.” (Adolescente 10)

Então houve consentimento geral de que esse é o papel da mídia vender o produto. Que cabe a cada um ter a malícia para proteger-se das alienações que a mídia provoca.

Outra droga liberada e de fácil acesso é o cigarro. Que apesar das campanhas anti-fumo ainda existem poucas restrições quanto a sua venda. Droga essa que muitos adolescentes usam para se sentirem adultos e livres. Assim como dizem as propagandas de cigarro, que sempre passam aquela sensação de liberdade, porém nunca dizem que o consumo do cigarro pode levar a morte (GARCIA et al, 1996).

Já na última estrofe trás a questão do livre arbítrio, que cada um faz o que quer. Os caminhos estão postos cabe a nós escolher o melhor.

Ainda na música voltando a primeira parte do rap, iniciou-se uma nova discussão sobre a AIDS, na estrofe ele diz que saiu, curtiu a noite, conheceu uma garota e acabou transando com ela sem camisinha. Que apenas no dia seguinte parou para refletir nas conseqüências que essa irresponsabilidade poderia causar na vida dele, como por exemplo, a AIDS. Que ninguém é imune e não possui receita mágica para evitá-la, ou seja, ou previne-se ou está no risco de adquirir o HIV.

Nessa temática os adolescentes trouxeram a dificuldade de lembrar-se da camisinha na hora “H”.

“A empolgação é tanta que se esquece de pensar nas conseqüências, que apenas no outro dia iremos nos ligar nos problemas que essa atitude sem pensar pode causar na nossa vida.” (Adolescente 04)

“É bem dessa, eu mesmo já esqueci de colocar camisinha. Na hora eu nem pensei” (Adolescente 18)

“Minha primeira vez foi sem camisinha, mas depois de achar que podia estar grávida nunca mais fiz isso.” (Adolescente 09)

Para Heilborn (2006, p. 198-199) em uma de suas pesquisas:

Perguntou-se às pessoas entrevistadas que não utilizaram nenhum método contraceptivo durante a primeira relação (31%) por que razão não tinham se protegido. A justificativa majoritária é de que “nem pensaram nisso” (70% das mulheres, 74% dos homens) (dados não apresentados). Tal justificativa se acerca da resposta “espontaneísta” (“não pensaram muito no assunto”) dada por grande proporção de entrevistadas (os) sobre suas expectativas no momento da primeira relação: o sexo se inscreve entre aquelas atividades que podem ser praticadas sem que se pense nelas e que, em função disso, não carecem de nenhuma programação.



Diante desses relatos explicou-se a importância do uso de preservativos nas relações sexuais, que mesmo achando que não vão pegar nada, ninguém é imune, e que muitas Doenças Sexualmente Transmissíveis não possuem sintomas imediatos, apenas mais tarde irão aparecer e com isso pode estar transmitindo as outras pessoas sem saber. Por isso o cuidado com a higiene antes e depois das relações também é muito importante, outro detalhe importante é procurar orientação de um profissional da saúde. Pois o quanto antes for diagnosticado a doença, menores serão os riscos (EGYPTO, 2005). Apresentou-se as DST, os riscos de tê-las, sintomas e como preveni-las. Sempre lembrando os adolescentes que acima de tudo vale à pena se respeitar e respeitar o (a) seu (sua) parceiro (a).

Explanou-se sobre a AIDS, sobre seu vírus HIV. Como ela é adquirida enfatizando-se que não existem mais os grupos de riscos. A AIDS atualmente é um problema de todos (as), principalmente daqueles que transam sem camisinha, pois a relação sexual é responsável pela grande maioria das contaminações do HIV. Que ao contrário do que muitos acreditam, mesmo sendo um vírus sem cura, pode-se viver muito bem com os tratamentos existentes. E que não se pega AIDS utilizando a mesma piscina que soropositivo, muito menos usando o mesmo banheiro, beijando, abraçando, num aperto de mão, no mesmo uso de copos e talheres ou em contatos sociais. Que existem muitas pessoas vivendo com o HIV, tomando o “coquetel” ( EGYPTO, 2005).

Enfatizou-se que o HIV não escolhe cara ou atração sexual. É preciso se cuidar. Para finalizar essa discussão foi apresentado um vídeoclip “Rap da prevenção” (ANEXO 5) de alguns jovens de Goiânia que cantam um rap falando sobre as DST e a AIDS, sobre a importância da camisinha. Os adolescentes presentes ficaram super atentos ao vídeo, e encima das frases da música foram falando da importância da prevenção. Muitos pediram para ensinar como utilizar corretamente a camisinha masculina e feminina. Mas foi explicado que no próximo encontro seria sobre os métodos anticoncepcionais e demonstração de como utilizar corretamente as camisinhas.

### 3.6 OBSERVAÇÕES REALIZADAS NO ENCONTRO SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL, RELAÇÕES DE GÊNERO E PRECONCEITO

No encontro realizado no dia 12, de novembro de 2009, estavam presentes 10 adolescentes.

Iniciou-se o encontro perguntando aos adolescentes se existem diferenças entre homens e mulheres. Como já era esperado, ouvimos muitas repostas dentre elas:

“Mulheres são frágeis, homens são protetores.” (Adolescente 10)

“Mulheres são choronas, homens não choram.” (Adolescente 17)

“Homens quando ficam com muitas meninas são chamados de garanhões, já as mulheres se ficarem com muitos meninos são chamadas de vagabundas” (Adolescente 09)

Segundo Simone de Beauvoir *apud* Banditer (1996), a “sociedade sempre foi masculina, o triunfo do patriarcado, o poder político esteve desde a origem da humanidade.” Portanto gênero vem se estruturar enquanto categoria de análise ligada a culturas dominantes e códigos sociais do comportamento.

Diante dessas falas explicou-se que as relações de gênero, masculino e feminino, são construídas na sociedade e na cultura. E com o passar do tempo vão se transformando. Que varia muito essas relações de cultura para cultura ou se estão em grandes ou pequenas cidades ou no meio rural.

Simião (2000, p. ) argumenta que:

Nesse sentido era preciso encontrar conceitos que permitissem diferenciar aquilo que as mulheres tinham de natural, permanente, e igual em todas as épocas e culturas (o sexo) daquilo que dava base para a discriminação e, por ser socialmente construído, variava de sociedade para sociedade e podia mudar com o tempo (o gênero).

Para Scott (1995), gênero é “uma forma de indicar ‘construções culturais’- a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. Desta forma não se deve confundir gênero com sexo, pois sexo é a base biologicamente dada sobre a qual se (im)põe social e culturalmente o gênero, que é, assim, uma construção social (PIERUCCI, 1999).

O fato é que homens e mulheres pensam e agem de forma diferente em qualquer sociedade, mas é através da cultura que será apoiada as relações de gênero, nossa cultura possui raízes machistas, cheia de relatos discriminatórios e violentos. Não é a toa que até hoje as mulheres lutam por igualdade, pois por décadas foram tratadas como o “sexo frágil”, que abaixavam a cabeça para os maridos e ficavam em casa cuidando dos filhos. Outro fato muito comum é na escolha das profissões, homens não podem escolher serem professores, que serão taxados de homossexuais, mulheres não podem escolher fazer engenharia, pois são muito frágeis e trabalho pesado é coisa de homem (EGYPTO, 2005). Mas qual o problema em homens serem professores, dançarinos, ou de mulheres serem engenheiras ou policiais? Os adolescentes responderam:

“Não vejo problema algum, cada um é cada um.” (Adolescente 16)

“Eu não vejo problema, mas sinto-me pressionado, pois se eu quiser fazer algo que as mulheres fazem como dançar, meus amigos irão me chamar de gay.” (Adolescente 08)

“Acho legal essa igualdade entre homens e mulheres, mas ainda recebemos apelidos por jogar futebol.” (Adolescente 05)

“É bem isso, eu não sou sapatão só porque jogo futebol”. (Adolescente 14)

Percebe-se que muitos adolescentes não vêem problemas em fazer atividades até então taxados ou separados por gênero, mas ainda se incomodam pelos apelidinhos que recebem dos colegas.

Apesar de ser algo constrangedor, muitos ainda possuem o hábito de rotular as pessoas, esses são aqueles que não percebem a diversidade humana e querem encaixar tudo e aqueles que não se encaixam são rotulados.

Esses são hábitos que se devem combater e não reproduzir. Por exemplo, por muito tempo e infelizmente até hoje os homens não podem demonstrar sentimentos ou chorar que muitos irão dizer que isso é fraqueza. Foi perguntado para os (05) cinco meninos ali presentes se eles nunca choraram, ou se quando choraram sentiram-se menos homens? Eles responderam:

“Eu choro sim, não acho que deixarei de ser homem por isso.” (Adolescente 04)

“Eu até choro, mas nunca deixo alguém ver.” (Adolescente 18)

“Às vezes choro, mas não deixo ninguém ver, eles vão me chamar de emo.”(adolescente 02)

Todos relataram que choram sim, mas alguns ainda dizem que choram escondidos, pois tem medo do que vão pensar. Ainda sentem insegurança em demonstrar sentimentos. Explica-se que isso é preconceito de gênero, pois existem muitas maneiras de ser homem ou mulher. Não existem padrões para homens e mulheres, cada um (a) possui características únicas que ao longo de sua convivência com a sociedade, vai construindo sua personalidade. Homens choram sim, e não deixam de ser menos homens por isso. Essa cultura machista faz com que criem esses medos, medo de serem taxados de fracos, de afeminados – porque chorar é coisa de mulher-, enfim de homossexuais.

Sobre a necessidade de não ser confundido com o outro, o homossexual. Segundo Freire (1987) nossas condutas obedecem a um certo tipo de ordenação que é tida como modelo a ser seguido, sendo que os que se afastam de tais modelos são os reprovados, como transgressores ou anormais.

Diante desta demanda iniciou-se uma discussão sobre a Diversidade Sexual. Apresentou-se que a sexualidade se expressa por múltiplos e variados caminhos. E o desejo sexual toma diferentes direções. A atração sexual diz respeito a essas direções do desejo e sua expressão. Ou seja, ninguém faz a opção de ser homossexual, não se trata de uma escolha e sim de um desejo (GRUPO DIGNIDADE, 2006).

Em nossa sociedade a posição sexual hegemônica das pessoas é a heterossexual, porque ao nascer já se é instruído de que não se deve manter relacionamentos afetivo-sexuais com alguém do mesmo sexo. Muitas pessoas possuem relacionamentos heterossexuais, porém qualquer pessoa em qualquer momento da vida pode sentir e viver uma atração homossexual, concomitante ou não a uma heterossexual. Apesar disso, costumam-se classificar as pessoas segundo suas atrações. Assim, as pessoas viram categorias: heterossexuais, homossexuais e bissexuais. No entanto, desconsidera-se o fato de que essas orientações sexuais podem mudar ao longo da vida e que o desejo sexual tem um caráter flexível (EGYPTO, 2005).

Sempre que não se entende algo ou se quer vê-lo á distância, a classificação se torna conveniente: homossexuais são os outros; drogados são os outros; invejosos são os outros. Alguns adolescentes se pronunciaram:

“É bem isso mesmo, quem possui alguém gay na família não conta para ninguém, como se isso fosse tornar a família ruim.” (Adolescente 05)

“Não tenho preconceito, só acho que os gays não precisam ser tão mulherzinha, ou as mulheres quererem ser como os homens.” (Adolescente 19)

Após esse último relato foi explicado que isso é um equívoco: que popularmente costuma-se dizer que “bicha não é homem” ou que “sapatão não é mulher”. Nada a ver: ninguém deixa de ser homem por desejar outro homem, ou deixa de ser mulher por amar outra mulher, porque uma coisa é a identidade masculina e feminina, outra é a orientação sexual da pessoa, ou a direção do seu desejo (EGYPTO, 2005). Mais uma vez depara-se com o preconceito de gênero, pois existem muitas maneiras de ser homem ou de ser mulher como já citado acima.

Após essa discussão foi explanado através de *slides* todas essas categorias sexuais e termos que as pessoas confundem como: identidade de gênero e orientação sexual.

Para finalizar esse encontro foi discutido sobre preconceito, perguntou-se aos adolescentes se possuíam algum preconceito, ou se já tiveram:

“Já tive preconceito com prostitutas, mas hoje entendo que ninguém escolhe ser prostituta.” (adolescente 14)

“Acho que todos temos algum preconceito.” (Adolescente 09)

“Já tive preconceito com gays mesmo, até eu descobrir que tinha um primo gay, daí eu mudei, porque ele é legal.” (Adolescente 17)

“Não sei se tenho preconceitos, mas já fui vítima do preconceito, porque eu gosto de jogar futebol com os meninos.” (Adolescente 05)

Com relação às prostitutas foi utilizada a fala da adolescente 14, que ninguém escolhe ser prostituta, que muitas garotas de programa estão nessa profissão por necessidade, claro que gostar de ser garota de programa não há problema nenhum, é uma profissão como outra qualquer, o único problema é encarar o preconceito das pessoas, e sempre tomar cuidado com as DST e a AIDS.

Elucidou-se que segundo o guia “Educando para a Diversidade” (2006, p. 46):

preconceito é conceito ou opinião formada antes de ter os conhecimentos adequados. E desde que não manifestado (em atitudes discriminatórias), é

considerado um direito inerente ao indivíduo. O preconceito é determinante em nossos comportamentos.

### 3.7 OBRVAÇÕES REALIZADAS NO ÚLTIMO ENCONTRO SOBRE GRAVIDEZ PRECOCE, MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E ABORTO

No encontro realizado no dia 19, de novembro de 2009, estavam presentes 15 adolescentes.

Para iniciar o encontro foi perguntado para as adolescentes presentes, quantas ali gostariam de serem mães? E obtiveram-se as seguintes respostas:

“Quero ser mãe sim, mas não agora. Porque ainda sou muito nova.” (Adolescente 09)

“Queria ser mãe nova, mas minha família iria me matar. Pois ainda não me consideram madura pra isso.” (Adolescente 13)

“Tenho planos de ser mãe com uns 24 anos.” (Adolescente 10)

“Antes de ser mãe quero estudar, e ter um bom emprego, pois não quero precisar de ajuda da minha família.” (Adolescente 16)

“Não quero ser mãe, pelo menos ainda não. Não acho que posso cuidar de uma criança.” (Adolescente 11)

“Ser mãe iria atrapalhar muitos sonhos meus.” (Adolescente 01)

Diante dos relatos das adolescentes nota-se que a maioria deseja ser mãe, mas não precocemente. Ou seja, desejam ter uma estrutura, desejam poder ser responsáveis pela criança e não depender da família.

Explicou-se para as adolescentes que não há nada errado em ser mãe jovem. O problema é tornar-se mãe sem um planejamento, por acidente. Quando acontece por descuido a gravidez pode ser um complicador para a vida: desfaz ou dificulta a realização de sonhos, atrapalha os estudos, o trabalho, passeios, viagens (EGYPTO, 2005).

Outro problema é a dificuldade que muitos garotos têm em se responsabilizaram pelo que fizeram. Realçou-se aos meninos que um filho só se faz a dois, sendo preciso o homem e a mulher para tal. Alertou-se sobre a importância dos garotos assumirem suas responsabilidades, que não precisa necessariamente se casar com a garota, que o fato de

assumir a criança e auxiliar na criação já se trata de um ato digno de respeito e que essa é a atitude de um garoto maduro.

É legítimo querer ter filhos na adolescência, mas é preciso pesar bem, avaliar o que isso implica, conhecer as próprias necessidades, as do parceiro ou parceira sexual, e não se esquecer de levar em conta as necessidades de um bebê que estaria a caminho. E, ainda, é fundamental lembrar que filho é responsabilidade pra toda a vida (EGYPTO, 2005).

Alguns adolescentes dizem:

“Mas se a garota não quiser ter filho ela pode fazer um aborto.” (Adolescente 01)

“Claro que não, o aborto é proibido aqui.” (Adolescente 04)

Muitas garotas com medo da família e sem apoio do garoto, acabam optando pelo aborto ilegal como saída. E, nesse caso, estará diante de uma das polêmicas mais radicais que se pode encontrar dentro da temática da sexualidade. Posições antagônicas, e geralmente efusivas, são manifestadas a favor ou contra o aborto (EGYPTO, 2003). Acordou-se não entrar na discussão de certo ou errado, apenas explicou-se que no Brasil, a lei é bastante restrita, e que permite o aborto em dois casos: quando a gravidez decorreu de estupro ou quando a medicina comprova que a interrupção da gravidez é necessária para salvar a vida da mãe. Nesses casos, portanto, aplicam-se o aborto legal, que é um direito, e o serviço precisa estar disponível à população, o que ainda acontece somente em poucos lugares do país, em escandaloso descumprimento da lei.

Segundo Egypto (2005) o que tudo isso revela é que o fato de o aborto ser ilegal não inibe a sua prática e expõe as mulheres a riscos que poderiam ser evitados. O que está em jogo é um problema de saúde pública, não uma questão de princípios.

Mas se a opção for não ter filhos agora ou por enquanto, é bom escolher um (ou mais) métodos contraceptivos. Nem todos são ideais para adolescentes, mas, mesmo assim, o ideal é se informar. Foram expostos os métodos contraceptivos e demonstrado como colocar a camisinha feminina e masculina corretamente.

Nota-se a preocupação das meninas em relação à camisinha feminina:

“Meu Deus, eu não vou colocar isso dentro de mim.” (Adolescente 14)

“Mas como vou tirar essa coisa de mim?” (Adolescente 01)

“Essa esponja dentro da camisinha me assusta.” (Adolescente 12)

“Prefiro pedir que o garoto coloque a camisinha masculina é muito mais fácil.” (Adolescente 03)

Foi frisado como é a utilização correta do preservativo feminino, e aclarou-se que caso as adolescentes não se sintam seguras com esse método contraceptivo, que peçam para o parceiro que utilize a camisinha masculina. O que não pode é deixar a camisinha de lado.

Logo em seguida foi assistido um vídeo com o “Relato de uma adolescente grávida”, contando como aconteceu, qual foi a reação da família e como está planejando sua vida de agora em diante.

### 3.8 OBSERVAÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DAS OFICINAS

Os adolescentes finalizaram as discussões com comentários positivos sobre as oficinas. Relataram que foram importantes os combinados logo no início dos encontros, para que cada um respeitasse a opinião alheia, externando assim que se sentiram seguros em fazer os comentários, e gostaram da dinâmica adotada nos encontros, do qual não foi cobrada a participação dos jovens, os mesmo intervinham conforme o tema e iam relacionando-os com suas experiências.

“Acredito que encontros assim livres, nos dão mais segurança de contar nossas experiências.” (Adolescente 10)

“Gostei porque esses encontros não foram iguais a outros que participei que todo mundo tirava sarro da cara um do outro, daí eu não falava nada.” (Adolescente 02)

Para a aceitação dos encontros, destacou-se que os mesmos eram construídos com os (as) jovens e que apenas apresentaram-se os temas a serem discutidos, a forma como eles seriam trabalhados e que os adolescentes diriam como gostariam que os encontros fossem acontecendo e conforme foi percebendo as suas necessidades.

Notou-se que os adolescentes gostaram do espaço a eles garantido em nas oficinas, pois encontraram nos encontros um espaço para falar de seus anseios, dúvidas e posicionamentos pessoais, dos quais foram respeitados. Segundo Aberastury (1981) o



adolescente pensa e fala muito mais do que age, acredita na comunicação verbal e dela precisa e frustra-se quando não é escutado e compreendido.

Sentiu-se que só o fato de ouvir os adolescentes sem estar armado com estigmas e tabus, deixam os/as adolescentes mais seguros para expressar suas opiniões e sanar suas dúvidas, que muitas vezes são simples, mas os pais e professores insistem em transformar em um bicho de sete cabeças. Esse espaço para autonomia do adolescente é de extrema importância, um assunto essencial para a formação humana.

### 3.9 QUESTIONÁRIO

Na pesquisa qualitativa, a etapa de análise das informações é um de seus momentos mais importantes. Esta é realizada por meio da sistematização das respostas dos participantes, identificando e classificando as categorias mais significativas. É feita uma exploração progressiva das respostas, utilizando subcategorias de dados organizados por temas ( CASTRO et al, 2004).

A análise dos questionários e dos encontros revela as principais mensagens emitidas pelos (as) participantes.

#### 3.9.1 OBSERVAÇÕES GERAIS DO QUESTIONÁRIO: SEXO E IDADE DOS (AS) PARTICIPANTES

Observando as figuras 1 e 2, pode-se notar que a maioria dos participantes são do sexo feminino (66%) e que a faixa etária entre os/as participantes está entre 13,4 e 15 anos. Sendo que 50% dos adolescentes possuem 13 anos.

FIGURA 1 - RELAÇÃO NÚMERO DE PARTICIPANTES E SEXO

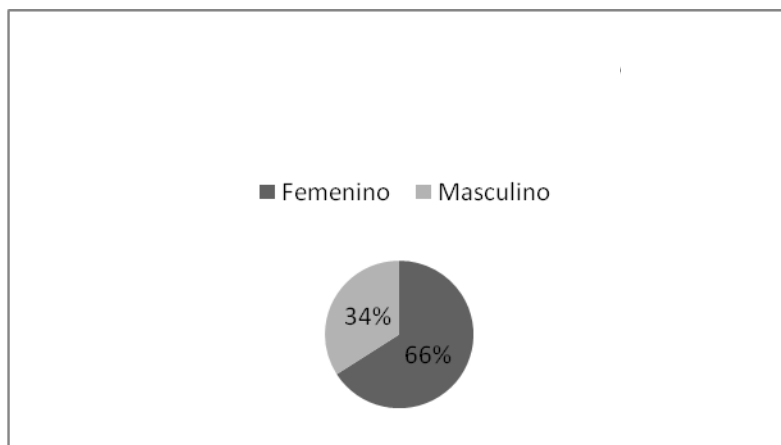
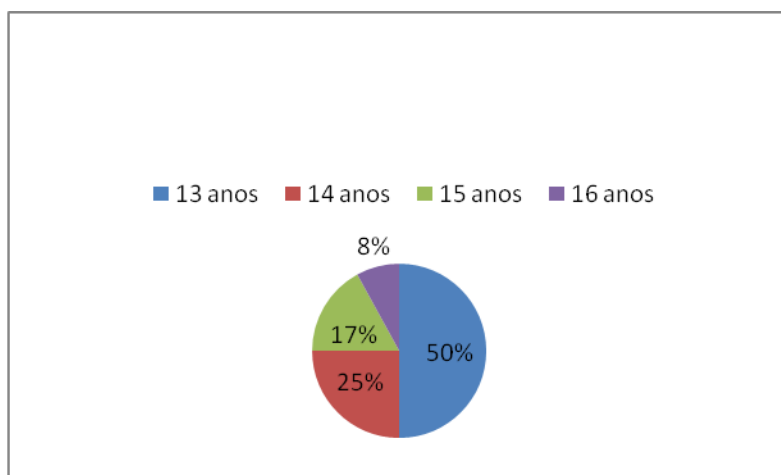


FIGURA 02 – RELAÇÃO NÚMERO DE PARTICIPANTES E IDADE.



Segundo Heilborn et al, (2006) essas análises de dados com relação a sexo dos participantes tanto em grupos, como também em responder entrevistas, de fato as mais interessadas declaradas com a sexualidade são as mulheres. Sexo para as mulheres é visto muito mais do que apenas a prática sexual. Esse dado ilumina o modo como os universos sexuais, masculino e feminino, apartam-se na sociedade brasileira, revelando forte assimetria das relações de gênero no exercício da sexualidade.

### 3.9.2 PRINCIPAIS MEIOS PELOS QUAIS OS(AS) ADOLESCENTES OBTÊM INFORMAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE

A questão número 01 do questionário diz respeito á caracterização dos meios que os adolescentes usam para obter informações sobre sexualidade. Nesta pergunta os(as) adolescentes deveriam estabelecer uma ordem de prioridade para as categorias de respostas(Quadro 1).

A maneira pela qual os adolescentes do sexo masculino e feminino obtêm suas primeiras informações sobre sexualidade, gravidez, menstruação, contracepção e AIDS permite traçar vários mapas que se diferenciam entre si segundo o lugar atribuído à família e /ou aos amigos; aos membros do mesmo sexo ou do sexo oposto; e as fontes de informações coletivas – personalizadas e/ou anônimas (serviços de saúde, escola, televisão, revistas femininas e/ou masculinas, filmes,livros).

QUADRO 1 – MEIOS QUE OBTÊM INFORMAÇÕES SOBRE SEXUALIDADE

<b>Meio através do qual obtém informações sobre sexualidade</b>	<b>Colocação com relação à prioridade</b>	<b>Percentual</b>
Amigos	1º	44%
Pais e irmãos	2º	21%
Televisão	3º	12%
Livros	4º	6%
Professores	5º	4%
Revistas	6º	2%
Profissionais da saúde	7º	1%

Com relação ao último colocado, os médicos e serviços de saúde raramente foram mencionados como fontes de informação. E quando mencionados foram feitos por adolescentes do sexo feminino. Pode-se sugerir que as mulheres têm mais facilidade em recorrer aos conselhos dos atores dos serviços de saúde geralmente quando sua vida reprodutiva já começou, não ocorrendo assim a procura no início da adolescência (HEILBORN, 2006).

Após alguns comentários dos/das adolescentes seguido dos dados do Quadro 1 pode-se observar:

“Por isso que eu converso com minhas amigas, elas me escutam e não me julgam. Se fosse minha mãe ia querer me bater.” (Adolescente 09)

“Eu coverso com minha irmã mais velha, é bom poder confiar em alguém da família.” (Adolescente 03)

“Quando quero saber algo certo, pergunto para algum professor. Minha mãe tem vergonha e também nem saberia me dizer coisas sobre a AIDS.” (Adolescente 20)

“Sempre pergunto para minhas amigas e às vezes para minha mãe. Mas longe do meu pai, porque ele não entenderia. E aposto que já iria me encher meu saco.” (Adolescente 05)

As informações sobre as relações sexuais em geral é, com maior frequência, “personalizada”, sendo transmitida pelos amigos e pela mãe; a escola e a mãe são os principais informantes no que se refere à gravidez e à contracepção; já informações sobre a AIDS e as DST é mais institucional, partindo sobretudo da televisão e da escola. Nesse último caso, pode-se pensar que as instituições mencionadas funcionam em parte como elemento de transmissão das campanhas de prevenção. Observou-se que os amigos e a família têm uma importância menor no que se refere a informações precisas como por exemplo, contracepção, AIDS. E que o pai nunca é um informante de primeiro plano (CASTRO et al, 2004).

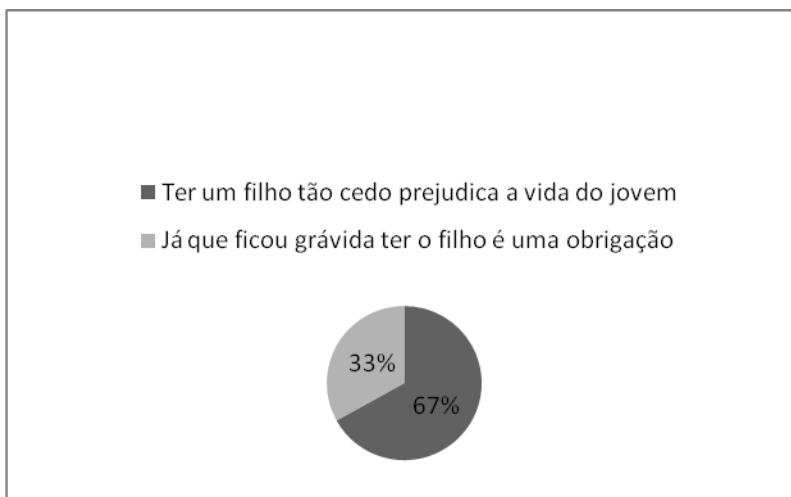
### 3.9.3 PERCEPÇÕES DOS (AS) ADOLESCENTES DIANTE DAS CONSEQUÊNCIAS DA GRAVIDEZ PRECOCE

A questão número 2 do questionário diz respeito á percepção dos jovens participantes sobre as consequências da gravidez na adolescência. Nesta pergunta os (as) adolescentes deveriam marcar as respostas que mais chegavam perto de suas opiniões diante de uma gravidez precoce.

De um modo geral a maioria dos adolescentes (67%) acredita que ter um filho tão cedo prejudicaria a vida do jovem. Também nessa mesma questão (33%) acreditam que se a adolescente ficou grávida, ter o filho é uma obrigação, descartando a possibilidade que a gravidez possa ser interrompida, como pode ser observado na Figura

3. As outras alternativas “Mesmo sendo tão jovem, ter um filho é uma felicidade” e “A mãe vai ter um peso para o resto da vida”, não foram assinaladas pelos adolescentes.

FIGURA 3 – PERCEPÇÕES SOBRE GRAVIDEZ



A posição vigente em estudos de corte demográfico e da saúde de que a gravidez nas primeiras fases do ciclo reprodutivo seria incompatível fisiologicamente com a formação reprodutiva das jovens mulheres, sendo uma “gravidez de risco” (CAMARANO, 1998; MELO, 1996; BENFAM, 1997 e 1992) tem repercussão em nível do conhecimento de senso comum, sendo, também, um dos argumentos usados para acentuar o caráter problemático da gravidez na adolescência. Uma possível imaturidade fisiológica que está envolvida na gravidez precoce (CASTRO et al, 2004). Segundo um dos adolescentes, as meninas muito novinhas não se encontram com o aparelho reprodutor suficientemente desenvolvido para a gestação:

“Muitas meninas nem tem o útero preparado ainda para ter um filho.”  
(Adolescente 06)

Outra dificuldade enfrentada pelas adolescentes que engravidam é a instabilidade dos vínculos conjugais, ou seja, a não disposição dos jovens para assumirem a paternidade. Na possibilidade das jovens mães terem que criar seus filhos sem a presença do pai, muitas vezes, os cuidados com a criança são divididos com a família de origem ou nuclear:

“Tenho uma amiga que engravidou e o namorado não assumiu o filho dela. Por isso que eu quero um namorado legal, que me apóie caso isso aconteça.” (Adolescente 14)

Os adolescentes, principalmente do sexo masculino, reproduzem perspectivas orientadas por certos pragmatismos sobre as falas no ser jovem – quanto a condições econômicas – e a defesa de uma identidade juvenil que não comportariam ser pai. Também apontam, no rol de problemas, a falta de preparo emocional para a criação dos filhos (o que é, ainda, destacado por alguns autores, CAMARANO, 1998 e MELO 1996):

“Precisa ter dinheiro para cuidar de um filho. E também cabeça, né? Imagina uma criança cuidando de outra.” (Adolescente 08)

Para estudiosos do tema, a discussão da gravidez juvenil confunde-se com visões morais sobre nupcialidade e família, sendo comum a referência a ser mãe solteira e aos “problemas” que atribui a tal estado, principalmente porque nas negociações no gênero, a paternidade não seria geralmente assumida, enquanto a maternidade se impõe, sendo que, muitas vezes, o cuidado com a criança é dividido com a família de origem (CASTRO et al, 2004).

Em muitas falas (como na fala da adolescente 14, citada anteriormente, há a impressão de que a problemática de uma possível maternidade seja pela não realização da paternidade – esperada como companheirismo e responsabilidade na sustentação e criação dos filhos (CASTRO et al, 2004).

Na argumentação sobre a problemática da gravidez juvenil, é comum associar-se tal fato com a interrupção dos estudos e a entrada, considerada prematura, no mercado de trabalho, realçando-se implicações dessa para vulnerabilidade sociais, em especial a reprodução da pobreza, no caso de jovens de famílias de menor poder aquisitivo (ABRAMOVAY, 2004).

“O ruim de ficar grávida muito nova, é ter que sair da escola e ter que trabalhar para sustentar o filho. Acho que pior ainda é não achar o emprego e ter que ser sustentada pela família. Por isso que não pretendo ser mãe tão cedo.” (Adolescente 10)

Fins de uso político dos discursos que atribuem a uma gravidez o abandono escolar são desconstruídos por Catharino e Giffin (2002) *apud* Abramovay (2007, p. 244):

Em perspectiva normativa, se insere o discurso da falta de oportunidades, um dos principais argumentos oficiais, para o controle e prevenção da gravidez na adolescência. Este remete-nos às oportunidades de estudo e trabalho que são perdidas pela jovem mãe. Vejamos: dependendo da classe social (lembramos que os estudos demográficos relacionam pobreza e gravidez precoce), existem, de fato, tais oportunidades? Se não existem, o discurso que relaciona a exclusão da adolescente da escola e do mundo do trabalho não estaria utilizando a gravidez como uma espécie de “bode expiatório” para encobrir e justificar uma situação social que de fato mantém à margem aqueles que já são historicamente excluídos sociais (neste caso, pobres e mulheres)?

Nota-se que ainda que seja ambigua a relação causal entre deixar a escola e ficar grávida ou ter filhos, ou o que antecede, esses são momentos que viriam intervindo na trajetória de vida educacional, principalmente de meninas e jovens (CASTRO et al, 2004).

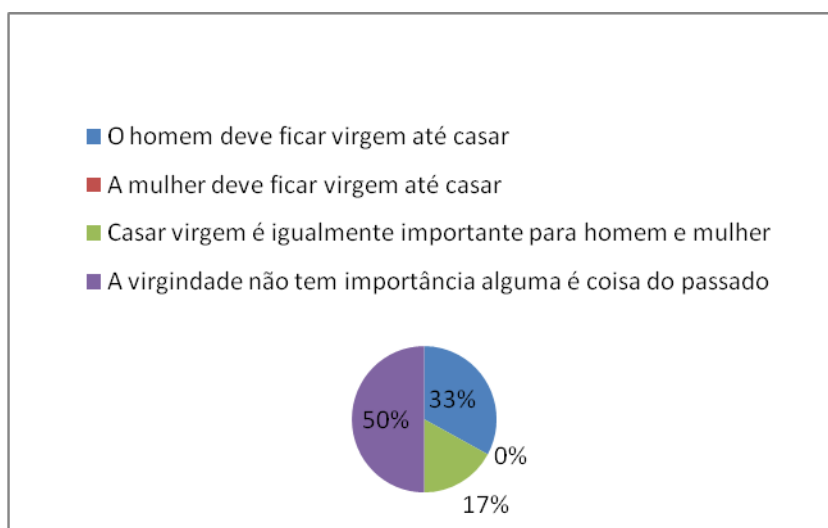
A gravidez juvenil seria entendida como problemática, principalmente pelas consequências a ela atribuídas na vida dos jovens, como interrupções de trajetórias esperadas quanto ao estudo e à constituição de família. As chamadas de um debate que relativiza a importância da gravidez como causa maior ou única para que jovens permaneçam na escola (HEILBORN, 2003). Nos discursos dos adolescentes, a gravidez entre jovens seria em si a causa do abandono da escola, de ter que assumir um trabalho em detrimento dos estudos e da constituição prematura de uma família. Tal situação pode estar sugerindo que o abandono é fenômeno de classe, relacionando à necessidade de sobrevivência e maiores problemas de conciliação entre estudo e experiências de vida extra-escolar (ABRAMOVAY, 2004).

#### 3.9.4 PERCEPÇÕES DOS (AS) ADOLESCENTES SOBRE VIRGINDADE

Esta questão diz respeito à percepção dos jovens participantes sobre a virgindade. Nesta pergunta os adolescentes deveriam marcar as respostas que mais chegavam perto de suas opiniões diante da questão virgindade.

Nota-se na análise dos dados (Figura 4) que dentre os adolescentes que consideram que o homem deve casar-se virgem (33%), foram respostas de adolescentes femininas. O que nos remete que as adolescentes do sexo feminino buscam que os homens também valorizem a virgindade e sejam cobrados igualmente pela família, assim como é feito com elas, percebe-se essa postura ao analisarmos que as mesmas acreditam que casar virgem é igualmente importante para homem e para a mulher.

FIGURA 4 – PERCEPÇÕES SOBRE A VIRGINDADE



A virgindade ainda é um marco na diferenciação dos gêneros na cultura brasileira. Ela vem sendo re-significada frente a novos discursos, mas permanece uma referência que norteia comportamentos e delimita atitudes. Para muitos adolescentes sugere a autocobrança de uma atividade sexual mais precoce e intensa por parte do sexo masculino, a fim de se diferenciar do feminino e ser considerado adulto.

Há uma forte pressão social para que a vida sexual dos rapazes aconteça o mais rápido possível, no que colaboram os pais, como indica o depoimento de um aluno de Cuiabá: *Tipo assim, para o homem, o pai acha que quanto mais cedo ele perder melhor ainda, agora a mulher não, quanto mais tarde a mãe vai achar melhor.* No imaginário social, quanto mais cedo se der essa iniciação, mais experiência e eficiência os rapazes levarão para a vida adulta (CASTRO et al., 2004, p. 73).

O discurso sobre a virilidade, marca da “atividade”, é um dispositivo de controle sobre o que é ser homem na cultura brasileira (CAMARANO et al, 2003). Assim, não



basta ter se iniciado sexualmente cedo, e sim o que conta é a frequência da atividade sexual e a “naturalização” do fazer sexo.

Na iniciação sexual, a forma social de perceber sentidos diferenciados por gênero na virgindade, é condicionada pela construção da masculinidade, o que se ampara por rituais de socialização, como a pressão exercida pelos amigos e pais. Alguns pais percebem essa exigência social, vinda dos amigos ou de grupos de jovens de referência, como algo negativo (CASTRO et al, 2004).

Em relação à iniciação sexual das meninas, as interpretações se dão por lógica diferenciada àquela atribuída aos jovens. A ausência de experiência sexual é vista como uma estratégia de seleção para relacionamentos que entrelacem o sexual com o afetivo, em um plano de relação estável, do tipo matrimonial (CASTRO et al, 2004).

O estabelecimento de relacionamentos afetivos mais sérios, maduros, permanece, em certo sentido, como um valor, uma vez que “o sexo é compreendido como uma dádiva, cedida na expectativa de uma aliança, que é a sua contrapartida” (HEILBORN, 1999).

Fazendo uma relação entre valores sobre virgindade e idade, tem-se que o item “A virgindade não tem importância alguma, é coisa do passado” é apontado pelos jovens que declararam já ter iniciado sua vida sexual. E com relação a idade, mesmo tendo uma diferença de dois anos para a iniciação sexual dos jovens (adolescentes do sexo masculino 12 anos, e adolescentes do sexo feminino 14 anos), com relação a essa diferença, não foi encontrada diferenças significativas entre essas faixas etárias. Isso evidencia que à medida que os jovens se iniciam sexualmente, tendem a interpretar de forma mais flexível os comportamentos sexuais.

Acredita-se que esse tipo de questão, muitas vezes tende a receber respostas mais objetivas e “modernas”, o que leva a admitir mudanças em relação a muitos paradigmas, mas também no meio dessas mudanças encontra-se permanências, no caso, a valorização da virgindade.

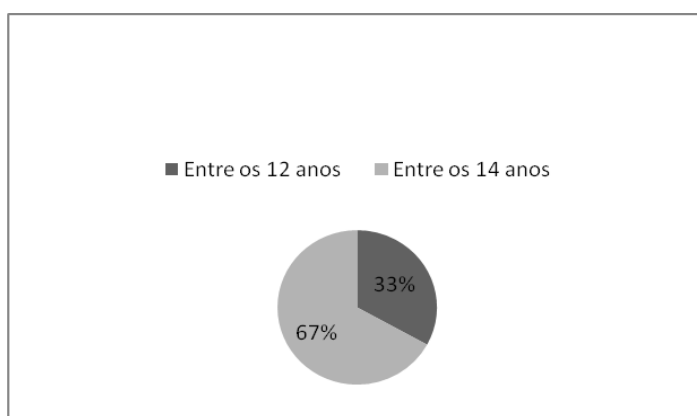
O discurso que valoriza a mulher pela virgindade está presente no vocabulário de jovens de ambos os sexos, e as adolescentes também reproduzem lógicas hierárquicas e assimétricas (CASTRO et al, 2004).

### 3.9.5 OBSERVAÇÕES SOBRE A INICIAÇÃO SEXUAL DOS (AS) ADOLESCENTES

As questões 4 e 5 dizem respeito á iniciação sexual dos jovens participantes. Nestas perguntas os adolescentes deveriam marcar se sua primeira relação sexual já havia ocorrido e se a resposta fosse positiva, qual idade que essa primeira relação ocorreu.

Dentre os adolescentes que responderam a pesquisa metade deles (50%), afirmaram que já tiveram sua primeira relação sexual. Pode-se analisar também através dos questionários a idade média de iniciação sexual dos adolescentes (Figura 5).

FIGURA 5 – PERCEPÇÕES SOBRE A INICIAÇÃO SEXUAL



A iniciação sexual é destacada como um rito de passagem, envolvendo distintos transitos entre infância, adolescência (GALLAND, 1997) e a juventude. Em tal caminho se dá a afirmação da masculinidade (NOLASCO, 1993), modelagens sobre feminilidade e a busca por autonomia, o que no senso comum se traduz como tornar-se homem e o fazer-se mulher, perspassando, portanto, sentidos identitários diversos, como o que se entende por masculino e feminino e as realizações das trocas afetivas (SILVA, 2009).

Considera-se que a criança é dependente de uma cultura arraigada na família. Mas os adolescentes/jovens, ao se inciarem sexualmente, passam a ser vistos, pelo menos nesse aspecto, como adultos. O jovem vive a ambiguidade de ser considerado sexualmente adulto, e ao mesmo tempo, em muitos casos, manter-se em situações de dependência nas dimensões econômicas e familiares, entre outras (SILVA, 2009).

Na construção social da sexualidade, o papel dos amigos e do grupo/tribo tem grande peso, e extremamente marcado pelo gênero. Há os que consideram que existe uma maior pressão para que os rapazes se iniciem sexualmente o mais cedo possível.

Segundo Heilborn (2006) “a iniciação masculina é assim uma obrigação social e técnica, que não implica que os homens tenham um compromisso com respeito às mulheres.”

Aprofundando ainda mais o dados da pesquisa (Figura 5) nota-se que 12 anos é a faixa etária de iniciação sexual dos homens. E 14 anos é a faixa etária média de iniciação sexual das mulheres.

Com relação a essa diferença de idade, Heilborn (2006, p. 170) apresenta em um de seus títulos que:

A pesquisa GRAVAD, mostra que no Brasil, a iniciação masculina continua sendo mais precoce que a das mulheres em pelo menos dois anos. Esse duplo padrão é comum na América Latina e em parte Sudeste Asiático (Tailândia). Na Europa, ele continua a caracterizar os países de cultura latina e mediterrânea, como Itália, Grécia e Portugal, ao passo que, nos países nórdicos (como Dinamarca), as mulheres se iniciam mais cedo do que os homens.

Enquanto a primeira relação sexual significa, no caso para os adolescentes masculinos, a aquisição de um atributo viril impaciamente esperado, para as adolescentes femininas, ela significa uma das primeiras etapas da conjugabilidade. Segundo Heilborn (2006), a descrição da primeira relação sexual mostra que esse acontecimento é raramente vivido em um contexto de desejo mútuo e igualmente entre os parceiros – o que não deixa de acarretar consequências sobre a maneira pela qual é encarada, e em seguida posta em prática, uma eventual estratégia de contracepção.

### 3.9.6 PRINCIPAIS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS CONHECIDO PELOS (AS) ADOLESCENTES

A questão 6 diz respeito ao conhecimento dos adolescentes com relação aos métodos contraceptivos. Nesta pergunta os adolescentes deveriam responder quais os métodos contraceptivos eles conheciam.

Um dos pontos que comumente se discute em relação à prevenção da gravidez diz respeito ao grau de conhecimento dos métodos de contracepção. Os jovens têm um nível de informação significativo sobre as formas de contracepção mais conhecidas (CASTRO et al, 2004). Para confirmar esta constatação Camarano et al, (2003), observa

que o “conhecimento de métodos anticoncepcionais entre os jovens brasileiros é quase universal desde 1986”.

Também nos relatos dos/ das adolescentes, observa-se que há informação sobre formas de evitar a gravidez. Assim como pode-se observar no Quadro 2.

QUADRO 2 – MÉTODOS CONTRACEPTIVOS MAIS CITADOS

<b>Métodos contraceptivos citados como mais conhecidos:</b>	<b>Colocação com relação à prioridade:</b>	<b>Percentual</b>
Camisinha Masculina	1º	56%
Pílula anticoncepcional	2º	27%
Pílula do dia seguinte	3º	10%
Camisinha Feminina	4º	5%
DIU	5º	2%

De acordo com dados da BEMFAM (1997), os métodos contraceptivos podem ser classificados em métodos independentes e dependentes da participação masculina. Essa participação pode ocorrer desde o uso de métodos masculinos (condom, coito interrompido e vasectomia), até aqueles em que os homens concordam com o emprego de abstinência sexual temporária, ou colaboram apoiando a parceira na utilização de métodos (CASTRO et al, 2004).

Embora se tenha identificado o conhecimento da camisinha feminina - 4º lugar (Quadro 2), dentre os métodos mais citados - entre as adolescentes, não há, entretanto, referências ao seu uso, sendo que esse conhecimento parece chegar mais pela mídia. Percebe-se que esse é um meio de contracepção ainda bastante restrito. Na rede pública, é distribuído em alguns serviços de planejamento familiar ou em projetos de prevenção das DST e HIV/AIDS para populações específicas (CASTRO et al, 2004). Também seguindo as tendências de outras pesquisas de âmbito nacional (BERQUÓ, BARBOSA e KALCKMANN, 1999), o preservativo feminino é considerado pelas adolescentes como caro e feio, esteticamente.

Pode-se notar essa postura das adolescentes frente ao preservativo feminino, nos encontros que dialogou-se sobre métodos contraceptivos, observe:

“Meu Deus, eu não vou colocar isso dentro de mim.” ( Adolescente 14)

“Essa esponja dentro da camisinha me assusta.” (Adolescente 12)

As opções contraceptivas entre os jovens indicam que cabe ao homem desempenhar o papel de prevenir as doenças sexualmente transmissíveis e à mulher, zelar pelos cuidados com a fecundidade (SILVA, 2004). A camisinha e a pílula, no entanto, são, muitas vezes, combinadas e utilizadas como dupla prevenção pelas mulheres.

CAMARANO et al, (2003, p. 179) comenta que:

houve aumento no uso do preservativo e redução na utilização da pílula. Porém, argumenta que o preservativo nem sempre é o método escolhido para anticoncepção e sim, tem sido utilizado, basicamente, com a finalidade de prevenção das DST/AIDS. As demais práticas, para evitar uma gravidez, principalmente à pílula – apesar de ter seu uso reduzido, continua sendo o método mais utilizado.

Além de terem informações das formas de contracepção, os/as adolescentes apontaram, também, as possibilidades de falha destas, inferindo-se a necessidade de promover maiores espaços para o aprofundamento sobre o assunto, com o objetivo de se buscar e escolher o método mais adequado para cada um.

### 3.9.7 PERCEPÇÕES DOS (AS) ADOLESCENTES EM RELAÇÃO À DIVERSIDADE SEXUAL

As questões 7, 8 e 9 dizem respeito á diversidade sexual. Nestas questões os adolescentes deveriam responder se já ouviram ou fizeram piadinhas discriminatórias sobre a orientação sexual de alguém. Qual a reação deles (as) ao se depararem com uma situação de afeto entre casais homossexuais e por ultimo deveriam responder qual a opinião dos mesmo com relação ao preconceito.

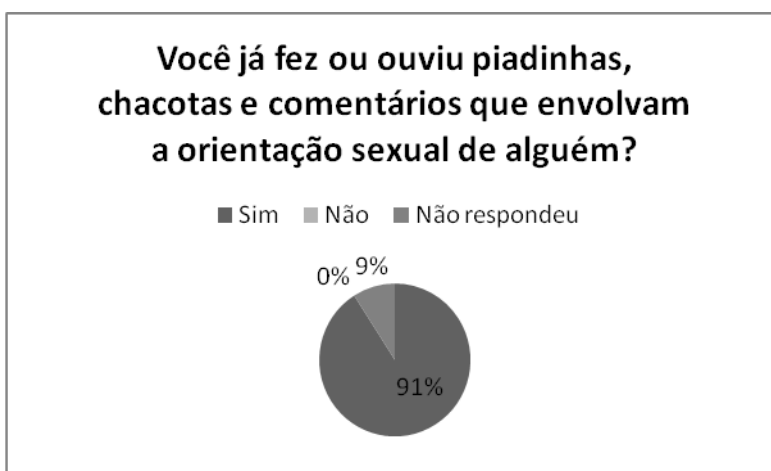
Privilegia-se, nesta seção, um tipo de violência pouco documentada, a homofobia, o tratamento preconceituoso, as discriminações sofridas por jovens tidos como homossexuais, as violências gratuitas de jovens com outros jovens, violências essas que passam despercebidas tanto no meio escolar, quanto familiar, que colaboram com a reprodução da violência. Pode-se dizer que um tipo comum de violência passiva por parte de adolescentes (Figura 6), é as “chacotas” e piadinhas dadas aos colegas, piadinhas essas que tem como intenção diminuir o (a) jovem, como se um homossexual

fosse inferior, principalmente homossexuais do sexo masculino, pois em falas de adolescentes percebe-se que muitas vezes a homossexualidade feminina é vista como um fetiche:

“ A tipo penso assim, ‘bem que podia ser eu ali’” (Adolescente 02)

“Dá uma vontade, uma sedução.” (Adolescente 04)

FIGURA 6 – PERCEPÇÕES SOBRE A ORIENTAÇÃO SEXUAL



Ainda que se focalize aqui mais a questão da homofobia, são diversos os preconceitos, discriminações que em nome da sexualidade, desrespeitam, ferem a dignidade do outro, constituindo, muitas vezes, para quem é objeto desses, sofrimentos e revoltas. São legitimados por padrões culturais que cultivam simbólica e explicitamente hierarquias e moralismos em nome da virilidade, da masculinidade e da rigidez que codifica uma determinada vivência da sexualidade como o normal, a consentida. Muitas expressões de preconceitos e discriminações em torno do sexual tendem a ser naturalizadas, até prestigiadas e não entendidas necessariamente como violências ( CASTRO et al, 2004).

Breines, Cornell e Eide (2000, p. 278) expressam que:

a família, as relações interpessoais e a relação comunidade e escola seriam priorizadas como possíveis espaços para se construir convivências positivas, em que os seres masculino e feminino não sejam esmaecidos, mas afirmados por respeito à individualização de cada sexo/gênero e por orientação coletiva por compromissos com os direitos humanos.

Costa (1994) considera que a organização cultural das práticas eróticas, ou seja, a aprovação do que é ou não normal tem a ver com a nomeação de identidades, o que se dá de forma coletiva, não sendo ao azar que um dos receios básicos quanto ao lidar com uma identidade não aprovada seria os outros, ou seja, como será considerado pelo grupo de referencia no seu trato com o “estranho”. A ênfase de Costa (1994) está na linguagem e na comunicação como construtos de preconceitos. E, de fato, há que mais cuidar sobre a linguagem, as formas de comunicação, as brincadeiras na escola de teor preconceituoso e discriminatório.

A discriminação contra homossexuais, ao contrário das de outros tipos, como as relacionadas a racismo e a sexismo, são não somente mais abertamente assumidas, em particular por jovens, além de valorizada entre eles, o que sugere um padrão de masculinidade por esteriótipos e medo ao estranho próximo, o outro, que não deve ser confundido consigo ( CASTRO et al, 2004).

A homofobia, o medo voltado contra os (as) homossexuais, pode-se expressar ainda numa espécie de “terror em relação à perda do gênero”, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher “reais” ou “autênticos (as)”(LOURO, 1997, p. 29).

A recorrência a linguagem pejorativa é comum nas violências contra homossexuais. É importante destacar a linguagem porque por ela se apresenta visões de mundo, representações e também a nomeação do outro por formas negativas ou contrárias à sua vontade, com o intuito de humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar ( CASTRO et al, 2004).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, em especial, a juventude encontra sérios problemas para ser encarada como sujeito de direitos, o que acarreta em deficiências nas políticas públicas direcionadas, políticas essas que garantam o acesso a bens materiais e culturais, além de espaços e tempos onde possam vivenciar plenamente esta fase tão importante da vida.

Muitas escolas e programas educativos ainda não consideram o jovem como interlocutor válido, capaz de emitir os seus questionamentos e expressar o seu entendimento, o que acarreta no desestímulo as necessidades dos mesmos de entender-se e participar-se, visualizado no seu meio social como um “problema” difícil de ser resolvido.

Esta imagem como problema, ganha ainda mais visibilidade quando associada ao crescimento alarmante dos índices de violência, do tráfico e consumo de drogas, da gravidez precoce e da expansão da AIDS, entre outros, não que essas expressões da realidade não sejam importantes, e permaneçam demandando ações urgentes para serem resolvidos, mas a questão é que, ao conceber o jovem apenas sob a ótica de problemas, - de uma maneira reducionista - as ações em prol da juventude passam a ser focadas na busca da resolução do suposto “problema” e , nesse sentido, voltam-se somente para as esferas juvenis consideradas pela sociedade, pela escola e pela mídia como “situação de risco”.

Segundo o ECA (2001), no seu Art. 71º, "A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento", mas, na prática, é um tanto utópico acreditar que as políticas sociais atendam de forma integral o acompanhamento à criança e ao adolescente, pois, ao fazermos uma análise, percebemos que há mais direitos registrados oficialmente no papel do que realmente seguidos conscientemente pela sociedade e órgãos competentes.

Dadas as transformações das condições sócio-históricas e culturais, necessita-se hoje lançar um novo olhar sob a adolescência, ou seja, compreendê-la como uma etapa que se vem representando na busca de seu pertencimento, através de manifestações que expressam o desejo de serem ouvidos e atendidos quanto às dúvidas que permeiam o seu universo e a sua sexualidade. Com isso acreditamos ser importante frisar a carência de suportes apropriados às demandas dos adolescentes nas suas especificidades. É



necessário o surgimento de espaços e práticas que impliquem o acompanhamento da sua trajetória, tornando-a alvo de reflexões e discussões. Nesta perspectiva, destaca-se neste trabalho de conclusão de curso o fortalecimento da autonomia destes/destas adolescentes através da “livre” informação.

É preciso desenvolver o processo de autonomia de crianças e adolescentes mediando uma relação de respeito, de estímulo a sua capacidade de reflexão e reação diante da correlação de forças que lhes é desfavorável e que desencadeia muitas vezes na violência.

A adolescência é uma fase de transição que antecede o “ser adulto”, marcada por conflitos psicológicos e mudanças físicas, período em que os jovens sofrem rápidas transformações. Adolescer é avaliado como o momento mais difícil do ciclo vital, exigindo maiores cuidados. Cuidados esses que devem ser tomados principalmente na hora de transmitir informações aos mesmos.

A relevância social do tema sexualidade na adolescência justifica-se pela necessidade de a sociedade ficar mais atenta aos sinais que os adolescentes apresentam. Muito se fala e se questiona sobre as mudanças de costumes na contemporaneidade, e grande parte dessas discussões é direcionada à conduta dos (as) jovens. Este trabalho justifica-se no momento em que mostra a importância do fortalecimento da autonomia do adolescente como sujeito na construção da sexualidade para enfrentar este período de transição com maior compreensão do seu universo.

Com isso apresenta-se a necessidade de encontros, projetos, oficinas, que repassem informações aos jovens sem moralidades e tabus. Isso que tentamos aplicar em cada oficina, levar a informação aos adolescentes sem censuras. Para que os mesmos tenham autonomia de decidir o que é bom ou ruim para si.

Foucault (1988) nos traz que:

no século XVIII, o sexo foi colocado em discurso. Em vez de uma restrição, o que se viu foi um mecanismo crescente de estimulação com o nascimento das ciências humanas, originando uma explosão discursiva, quando houve um refinamento do vocabulário autorizado, um controle das enunciações, definiu-se onde e quando falar sobre sexo, em quais situações, quais os locutores e interlocutores. Essa foi a forma que a sociedade contemporânea encontrou de vigiar, normatizar e controlar a sexualidade, falando intensamente sobre ela.

Essa explosão de se falar sobre sexo surge com o nascimento do capitalismo, pois, nesse período, existia um grande interesse em que o homem não dispensasse suas

forças com sexo em demasia, pois poderia refletir na sua produção junto ao trabalho. A partir desse período, houve uma alteração no comportamento da sociedade. O casamento, por exemplo, passa a ser considerado uma unidade de preservação que exalta a noção de família unida, e o lar a ser um ambiente distinto e separado do trabalho. Com isso, a sexualidade é vista separadamente, entre: o amor romântico, e o amor paixão sexual, o que separava o conforto do ambiente doméstico, da amante leviana.

Nesse momento o capitalismo inaugura um assombroso progresso nas comunicações, surgindo assim às grandes massas consumidoras. Explodindo no século XX, grandes movimentos de contestação: os jovens, o rock, os grupos feministas, negro, homossexual. Acarretando-se assim avanços em relação a questões não abordadas, uma maior libertação sexual foi conquistada pelas mulheres, já os jovens se expressavam através da música, os homossexuais passaram a contestar seus princípios tentando serem ouvidos e o capitalismo apreende a sexualidade e a incorpora a sua máquina de consumo, transformando o sexo em objeto de consumo por excelência, toda a propaganda passa a enfatizar a sexualidade, a estimular e referir-se aos anseios sexuais de nosso tempo.

Nesse sentido, o sexo torna-se o meio de suprir a ansiedade, chegando ao exagero, tornando as relações cada vez mais mecanizadas, isto é, completamente desconectadas da afetividade e corrompidas pelo princípio do desempenho, valorizando as ações, e não o sentimento, acontecimento comum da sociedade contemporânea. E diante desses acontecimentos nos questionamos se seria possível proporcionar aos jovens uma sexualidade mais prazerosa e menos conturbada?

O grau de conhecimento dos adolescentes contemporâneos sobre sexualidade ainda é muito rudimentar, independente do fator socioeconômico ou das vertentes culturais, sendo que os ensinamentos da questão ainda se limitam à anátomo-fisiologia dos órgãos sexuais e ao mecanismo de reprodução. Através da família, o adolescente quase não amplia o conhecimento sobre seu universo, que as questões permeiam somente ao corpo e aos cuidados para com ele.

A questão da sexualidade mudou tão rapidamente nas últimas décadas, que deixou os pais meio perdidos. Antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado, o que podiam permitir ou não. Hoje vivemos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais. Outro aspecto é

que, para lidar com a sexualidade dos filhos, os pais necessitam se defrontar com a própria sexualidade e essa situação pode gerar, muitas vezes, angústia. A sexualidade dos filhos traz à tona para muitos pais aspectos reprimidos da própria sexualidade.

Nossa sociedade tem o entendimento do (a) adolescente como um indivíduo cercado de conflitos e perigos, e a adolescência como uma etapa em condição de transitoriedade, mas que pela sua intensidade, muitas vezes passa a ser marcada como a fase conturbada e desajustada, deixando assim de ser tratada com seu devido valor. Por esse motivo se aborda a importância dos adolescentes externarem os motivos pelos quais muitos trazem esses aspectos nos seus comportamentos.

Portanto diante de tudo que foi estudado em sala de aula, das vivências nos estágios obrigatórios, finalizaremos destacando a importância do Serviço Social junto ao público adolescente, visando assim um maior fortalecimento da autonomia que envolve seu universo, podendo vir a contribuir na construção de um sistema de valores, de atitudes e condutas no âmbito da sexualidade.

O Assistente Social ao desenvolver a prática com seus usuários no fortalecimento da sua autonomia, segundo o seu código de ética, deve respeitar a opinião dos mesmos possibilitando a eles o controle de suas vidas. O desenvolvimento da autonomia é um processo de negação da tutela e da subalternidade pela mediação da afirmação da própria palavra e da construção das decisões sobre seu próprio destino.

Diante dessa proposta de fortalecimento considerou-se que trabalhar com os adolescentes por meio de um grupo, seria um caminho mais tênue devido à facilidade dos mesmos de adaptação neste processo, pois, normalmente isso está presente no seu cotidiano. O jovem tem a necessidade de se fazer compreender, tornando-se importante que ele possa identificar no outro as mesmas dúvidas e entender que isso não ocorre somente com ele. Além disso, nessas práticas, os indivíduos passam a ter uma relação de entendimento um com os outros através de uma conexão de semelhanças e, dessa forma, leva-se o usuário a sair da compreensão individualista de seu problema, diminuindo assim os seus anseios.

O processo de fortalecimento dos sujeitos depende de ação ou intervenção profissional com profunda capacidade teórica e analítica para entender as particularidades das situações reais, para propor alternativas a esses sujeitos nessa trama de correlação de forças sociais, combinando as estratégias de vida dos indivíduos e

grupos dentro do contexto social e dinâmico para utilizar essas forças, em rede, a favor dos sujeitos e de sua autonomia.

Percebendo-se assim, através dos encontros, e da análise do questionário aplicado que os adolescentes demonstram, por meio de gestos, falas e escritas, uma grande necessidade de exteriorizar suas dúvidas, destacando, através de seus comportamentos, a urgência de serem ouvidos e de obterem respostas aos seus questionamentos.

Neste sentido entende-se a necessidade de se tratar os temas relacionados à sexualidade na adolescência, não só com o sentido de prevenir as DST/AIDS ou a gravidez precoce, mas também com o intuito de construir um suporte ao adolescente antes que ele ingresse na sua vida sexual, pois, conseqüentemente, estará mais preparado.

É com base no Projeto ético-político que o profissional do Serviço Social deve exercer a sua prática, transformando os indivíduos em atores e autores de suas histórias e sujeitos de direitos, prática essa que legitima a atuação do Assistente Social.

## 5 REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal e patológica**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1981.

ABRAMOVAY, M. (Org). **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO/Brasil, 2004.

AMARANTE, R. **Um par**. Los Hermanos. Ventura, 2003.

BANDITER, E. **Um é o outro**. Rio de Janeiro: Fronteira, 1986.

BEMFAM. **Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde (PNDS)**. Rio de Janeiro: BEMFAM, 1997.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_, 1992.

BERQUÓ, E.; BARBOSA, R.; KALCKMANN, S. **Aceitabilidade do condom feminino em contextos sociais diversos: relatório final**. Brasília: CEBRAP; NEPO/UNICAMP; CN DST/AIDS/MS; UNAIDS, 1999.

BOCARDI, M. I. B. *et al.* **Gravidez na adolescência: o parto enquanto espaço do medo**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

BREINES, I.; CONNELL, R.; EIDE, I. **Males roles, masculinities and violence: a culture of peace perspective**. Paris: UNESCO, 2000.

CAMARANO, A. A. *et al.* **Jovens Brasileiros: sexualidade, gravidez e AIDS**. Brasília: CNPD, IPEA, 2003.

CAMARANO, A. A. Fecundidade e anticoncepção da população jovem. *In: Comissão Nacional de População e desenvolvimento. Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*. Brasília: CNPD, IPEA, 1998.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidades**. Brasília: UNESCO, 2004.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Por um novo paradigma do fazer políticas: políticas de/para/ com juventudes**. Brasília: UNESCO, 2003.

CATHARINO, T. R. GIFFIN, K. Gravidez e adolescência: investigação de um problema moderno. In: 13º Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, *apud.*, CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidades**. Brasília: UNESCO, 2004.

COSTA, J. F. **A ética e o espelho da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

EGYPTO, A. C. (Org.). **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.

EGYPTO, A. C. **Sexo, prazeres e riscos**. São Paulo: Saraiva, 2005.

**ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001.

FALEIROS, V. P. **Estratégias do Serviço Social**. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

FALEIROS, V. P. **As organizações e o espaço profissional do Assistente Social**. In: Revista Katalysis. Florianópolis: [s. n.], 2002.

FIGUEIREDO, R. M. D. (Org.). **Prevenção às DST/Aids em Ações de Saúde e Educação**. São Paulo: NEPAids, 1998.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 1. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, P. **Ação cultural para liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GALLAND, O. **Sociologie de La jeunesse**. Paris: Armand Colin, 1997.

GARCIA, A. *et al.* **Crescendo sem drogas: Um guia de prevenção para pais e educadores**. São Paulo: APCD, 1996.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1990.

GONÇALVES, E. Amar, Namorar, Ficar. In: **Sexualidade: prazer em conhecer**. Livro do Professor. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2001.

GRUPO DIGNIDADE. **Educando para a diversidade: Como discutir homossexualidade na escola?** Curitiba: [s.n.], 2006.

GRUPO HOMOSSEXUAL DO PARÁ. **Manual do multiplicador**. Pará: Graphitte Editores, 2006.

GUEDES, D. **Dr. Destino**. Morro seco mas não me entrego, 2002.

GUETO, D. **Rap da prevenção**. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=fLCAqQqEtNI>. Acessado em 25 de outubro de 2009.

HEILBORN, M. L. et al. **O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.

\_\_\_\_\_. (org). **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade no plural: o direito à diferença**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes Ltda., 1997.

MELO, A. V. **Gravidez na adolescência: nova tendência na transição da fecundidade no Brasil**. In: 13º Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, *apud.*, CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidades**. Brasília: UNESCO, 2004.

MESSENDER, S.A. Namorei não, peguei: o pegar como uma forma de relacionamento amoroso- sexual entre os jovens. In: **13º Encontro Da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, *apud.*, CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. **Juventudes e sexualidades**. Brasília: UNESCO, 2004

NOLASCO. S. A. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. São Paulo: Papirus, 1987.

OSORIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1989

PIERUCCI, A.F. **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999.

RIBEIRO, A. C. L. *et al.* **Eu, adolescente de bem com a vida**. Curitiba: Secretaria Municipal da Saúde, 2001.

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, Porto Alegre, 1995.

SILVA, L. B. Construções sobre a Sexualidade na Juventude. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. BRASÍLIA: UNESCO, 2007.

SIMIÃO, D. S. **Gênero no mundo do trabalho**. Mimeo, 2000.



SUGUIHIRO, V. L.T. *et al.* O serviço social em debate: fundamentos teórico metodológicos na contemporaneidade. *In: Revista Multidisciplinar da UNIESP: Saber Acadêmico*. 2009.

SUPLICY, M. **Sexo para adolescentes: Amor, Sexualidade, Masturbação, Virgindade, Anticoncepção, AIDS**. São Paulo: FTD, 1995.

\_\_\_\_\_. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1983.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1****CONVITE AOS PAIS.****CONVITE**

Vimos através dente convidá-la/ convidá-lo para participar de uma reunião que será realizada no dia **01 de outubro de 2009 (quinta-feira), às 14hs.** Local: **PETI.**

Nesta reunião iremos apresentar um projeto direcionado a seus filhos (as), por isso a presença de todos (as) é de extrema importância, pois nosso projeto **“Adolescer – De bem com a vida”**, trata da juventude e a sexualidade. Tema esse essencial para o desenvolvimento de seus filhos (as).

Aguardamos você!

Equipe CRAS- Canoas

## ANEXO 2

**QUEM PODE PARTICIPAR?**

ADOLESCENTES QUE FREQUENTAM O PROJETO PRÓ-JOVEM, DENTRO DA FAIXA ETÁRIA DE 12 (DOZE) À 17 (DEZESSETE) ANOS E ONZE MESES, RESPEITANDO A IDADE PROPOSTA PELO ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE, COMO FASE DA ADOLESCÊNCIA.



Nós estamos inventando a vida  
Como se antes nada existisse  
Porque nascemos hoje do nada  
Porque nascemos hoje pro amor

Nós estamos descobrindo os corpos  
Como o amanhã descobre as imagens  
Como o amor descobre a verdade  
Como a canção descobre uma flor...

Taiguara—Geração 70



**PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTAL DO PARANÁ**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DE AÇÃO SOCIAL E RELAÇÕES DO TRABALHO – SMART**  
**CENTRO DE REFERÊNCIA EM ASSISTÊNCIA SOCIAL - CRAS/CANOAS**

TELEFONE CRAS /CANOAS: (41) 3972-7002

**PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTAL DO PARANÁ**  
**SECRETARIA MUNICIPAL DE AÇÃO SOCIAL E RELAÇÕES DO TRABALHO – SMART**  
**CENTRO DE REFERÊNCIA EM ASSISTÊNCIA SOCIAL - CRAS/CANOAS**

**Adolescer - De bem com a vida.**



**O PROJETO...**

“Adolescer— De bem com a vida”, é um projeto da Prefeitura Municipal de Pontal do Paraná, em parceria com a PROVOPAR. Projeto este que visa sensibilizar os adolescentes, para a prevenção da gravidez precoce através de um planejamento familiar consciente.

Hoje em dia, muitos fatores contribuem para o aumento da gravidez na adolescência, dentre eles: a falta de informação e de acessos aos métodos contraceptivos, a falta de planejamento, a insegurança, os mitos, a falta de instrução e o desajuste familiar.

São muitas as complicações que podem aparecer numa gravidez não planejada, dentre elas: desnutrição, anemia, hipertensão, parto prematuro, infecções, dentre outras. Tudo isso acontece pelo fato do organismo não estar preparado para a gestação, ou seja, antecipação de fases. Sendo que, os bebês também correm riscos, como o baixo peso, pré-maturidade e o risco de mortalidade maior que o de mães mais velhas.

Algumas adolescentes chegam a procurar o atendimento médico, mas é muito comum existir um retardo no início do pré-natal que deriva do diagnóstico tardio da gravidez, que muitas vezes é derivado pelo medo da opinião familiar, pela negação do fato, a dúvida sobre a decisão que irá tomar (abortar ou não).

Infelizmente, esses não são os únicos problemas que uma gravidez na adolescência pode acarretar, pois essa situação gera também problemas na área da educação formal e da profissionalização, já que muitas meninas acabam por desistirem dos estudos e/ou do trabalho para cumprir com a nova rotina de cuidar dos filhos, que exige muito tempo, disposição, responsabilidade e trabalho.

Por todos esses motivos que a Prefeitura Municipal de Pontal do Paraná em parceria com a PROVOPAR vem propor estratégias de enfrentamento a esta situação, que vem crescendo surpreendentemente.

**Temas das discussões:**

- Debater o tema sexualidade, incluindo as mudanças corporais e comportamentais;
- Trabalhar a necessidade da higiene corporal atrelada a questão da saúde;
- Discutir as mudanças apresentadas na rotina de uma adolescente grávida e mãe;
- Avaliar junto ao grupo os métodos contraceptivos;
- Abrir as discussões sobre a legislação que proíbe o aborto no Brasil;
- Apresentar as DST's — Doenças Sexualmente Transmissíveis provenientes de relações sexuais sem preservativos;
- Promover a discussão sobre a AIDS, suas formas de transmissão e tratamento;
- Aproximar estes adolescentes do ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente;
- Realizar palestras diversas nos equipamentos da educação instalados no município;
- Desenvolver dinâmicas diversas;
- Avaliar o desenvolvimento do Projeto.



## ANEXO 3

### Um Par - Los Hermanos

Mesmo quando ele consegue o que ele quis  
Quando tem já não quer  
Acha alguma coisa nova na TV  
O que não pode ter  
Deixa de gostar  
Larga mão do que ele já tem  
Passa então a amar  
Tudo aquilo que não ganhou

De motivo outra vez acreditar  
Na cascata da vez  
Que você comprou assim 0+10  
Um presente pra mim  
Mas se eu perguntar  
De onde veio esse agrado  
Você vai gritar  
Diz que é homem feito, sei não  
Ahhh faça-me um favor

Diga ao menos o que foi  
Se eu faltei em te explicar  
Diz que a gente sempre foi  
Um par

Sai domingo diz que é dia de jogar  
Mas que jogo eu não sei  
Fica até segunda o dia clarear  
E troféu não se vê  
Entra sem falar  
Sai correndo e volta outra vez  
Sem cumprimentar  
Nem parece aquele

Eu rezo, ai Deus do céu  
Alguém no chão  
Diga-me o que foi que eu deixei faltar  
O que eu não consigo é entender  
Como é que um filho meu é tão diferente assim  
De mim  
Me faz entender

## ANEXO 4

### Dr. Destino – Do Gueto

Quero dormir, mas se os meus olhos fecham,  
 Imagens, cenas, visões, da noite passada  
 Me fazem ter reações de meia culpa  
 A mina eu não sabia de onde veio, podia até ser na boa, era boa  
 Mas e aí culpado sou eu!  
 A camisinha tá aí para ser usada  
 Ruim às vezes é, pior é isso que vem depois  
 De algumas horas é foda, a cabeça roda  
 As paradas que outro dia eu vi no jornal,  
 Fotos dos manos, jogados no hospital,  
 Mal, ruim, sem poder sair,  
 A danada é foda, acaba com o cara,  
 Imagina a onde achar, em quem é que está, controla a tara  
 A AIDS tá aí, não pára, mata.  
 São 4 letras que lembram, o desastre,  
 A chacina, a matança, epidemia e correria continua,  
 Às vezes por dinheiro e outras por prazer de dar a...AIDS.  
 Mais uma trombeta soou no céu, população vai morrendo  
 Na frente o algoz, vindo, correndo.  
 O quanto mais rápido ele anda, ôh, mais gente ele mata,  
 A solução é quem diria, a tal da camisinha,  
 Informação para quem precisa mano, esse é o papel,  
 Não dói A.Ricoi, dotado da rima,  
 Eu Não sou imune, tô muito preocupado  
 E Lanço mais um toque aí, pra todos os chegados  
 Se cuidar e o melhor, se prevenir vou dizer,  
 Manos do rap já falou preste atenção porque  
 Mano Se queres transar,  
 Se queres viver,  
 Se queres transar ...valorize você!

### REFRÃO

O Dr. destino é foda  
 Sem camisinha  
 Se jogou, dentro do copo.  
 É na esquina  
 Êxtase e alívio, vida sem doutrina  
 Pedra na cabeça viagem na neblina.

Olha o mano copo cheio bebe tudo, gim,  
 Conhaque, cerveja, pé-sujo.  
 Alcoolizado, chapado, virando a bira.  
 O mundo ainda ontem pai de família,  
 Hoje o bêbado do bar, um vagabundo.  
 Amanhã na sarjeta um sujoesmundo.

Álcool, palavra de seis letras,  
 Assim como o número da besta,  
 O veneno que o governo coloca na sua mesa,  
 Nas mãos inocentes de nossas crianças .  
 Destrói o futuro, a paz, a esperança.  
 Garrafas bonitas, mulheres gostosas,  
 Escondem o vício.  
 A situação desastrosa.  
 Esse é o jogo a tática a matemática  
 Manos morrem nas ruas,  
 Cirrose hepática essa é a minha crítica,  
 Pois pra essa droga não existe política.  
 Quem fala? Henrique Marques,  
 Sóbrio Negro X é óbvio, lamentos e lastimas,  
 Eu.. Eu bebo lágrimas.....

#### REFRÃO...

Fumaça é o que eu mais vejo por aí.  
 Má qualidade do ar, já tá difícil, sufoco respirar.  
 Hoje em dia meu pulmão agradece se pá,  
 Não teria muito gás pra ti mandar essa letra,  
 Devagar no bagulho pra não fugir do esquema  
 Dos meu não tema, vejo problema, nessa pedra  
 Que estraga, mata  
 Come por dentro, joga os manos na calçada,  
 Qualquer quebrada.  
 Epidemia de desgraça,  
 Você entra no cachimbo aí esquece,  
 Reza pra sair (pra que fumar?)  
 Vejo uma pá de gente retrocesso  
 "Ordem e Progresso" não se tem por aqui.  
 Fume o que quiser exploda sem miséria.  
 Quem sabe de você é você e já era.  
 Se mata mude, só não te ilude, nicotina também mata  
 - É tua saúde!  
 Talvez um pouco de mais de oxigênio te ajude!  
 Pó pedra fumo, é só consumo, como pode?  
 Vi na antiga um homem forte,  
 Comprometa seu futuro bota pra dentro  
 Traga a morte, espero que na seqüela você tenha sorte,  
 Ninguém da bola pra pobre viciado é o que tem  
 Eu lamento chegado, fica ligado  
 Eu dou valor a minha cabeça,  
 Eu dou valor aos meus irmãos.  
 Sangue bom,  
 Nitro-G corpo e mente andam juntos por aqui  
 Talvez consiga me entender - vê sê vê, vê sê vê!  
 Seu destino quem sabe é você...  
 É tudo com você... Eu só sei que o dr. destino é foda!

REFRÃO...

É o livre arbítrio cada um faz o que quer..  
Os caminhos estão na sua frente  
O dinheiro, a tara o álcool a pedra,  
O nosso papel aqui, o rap, é alertar, levar informação  
Faça o que quiser, venha o que vier...  
O seu destino quem sabe é você...  
Mas pense bem ah...  
O seu destino Quem sabe é você!

REFRÃO...



## ANEXO 5

### Rap da `Prevenção – Do Gueto, MFS e Ana

Minha amiga, minha ouvinte, trouxe um recado para você  
 Eu vou te contar sobre as DST, parece complicado, mas andar não é impossível  
 DST é uma doença sexualmente transmissível  
 Pode ser uma ardência, uma coceira num lugar,  
 pode ser um molhadinho mais difícil de secar  
 Gonorréia, Cancro Mole, Sífilis, Crista de Galo  
 Nome feio ou engraçado se transmite como falo  
 Você pega pelo homem, que pega de outra pessoa  
 E é melhor ficar atento porque se pega a toa  
 Pega a toa

#### REFRÃO 2X

Melhor mesmo é prevenir do que se remediar  
 É usando camisinha que a coisa chega pra lá  
 Com a doença desse tipo não tem jeito de brincar  
 É usando camisinha que a coisa chega pra lá

Tudo isso acontece, mas se pode controlar  
 Consultando o Doutor sem vergonha de mostrar  
 Assim fica bem melhor o que eu vou te relevar  
 Tem a AIDS , porque essa é bem pior, é doença de matar  
 Mata homem, mata mulher, mata também  
 Só não mata a esperança se você quiser  
 Diga não, vá embora pro seu canto e deixe ele ficar na mão  
 Sua vida é importante pode me acreditar  
 Nem segundos, nem instantes deixe de se cuidar  
 Qualquer pessoa pode ser infectada, pode ser passada da mãe para o bebê  
 Durante a gravidez pré natal tem que fazer  
 Camisinha você tem que usar, não pode vacilar  
 Tem que usar, se não o vírus você vai pegar

#### REFRÃO 2X

Melhor mesmo é prevenir do que se remediar  
 É usando camisinha que a coisa chega pra lá  
 Com a doença desse tipo não tem jeito de brincar  
 É usando camisinha que a coisa chega pra lá

Na hora da injeção peça agulha nova  
 Essa é a condição pra ficar longe da cova  
 Na hora da transfusão, peça sangue testado  
 Crie muita confusão se isto te for negado

E na hora de ir pra cama é camisinha outra vez  
Pode ser com o namorado, amigo, noivo ou freguês  
E se o cabra reclamar, explique a situação  
Branco, preto ou chinês o negócio é dizer não  
Se você desconfiar que o marido te traiu  
Mande usar a camisinha, sabe lá com quem saiu  
Ele pode ter doença e você não quer pegar  
Por mesmo que seja a crença, não resolve só rezar

#### REFRÃO 2X

Melhor mesmo é prevenir do que se remediar  
É usando camisinha que a coisa chega pra lá  
Com a doença desse tipo não tem jeito de brincar  
É usando camisinha que a coisa chega pra lá

## ANEXO 06 – Questionário

### Projeto “ADOLESCER – DE BEM COM A VIDA”

Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: M ( ) - F ( )

**1. Indique em ordem crescente (1 á 7) de prioridade, quais são os meios em que você obtém informações sobre sexualidade:**

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> TV  | <input type="checkbox"/> Professores   |
| <input type="checkbox"/> Revistas e jornais                                  | <input type="checkbox"/> Livros        |
| <input type="checkbox"/> Amigos  | <input type="checkbox"/> Pais e irmãos |
| <input type="checkbox"/> Profissionais da saúde<br>(médicos, enfermeiros...) | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |

**2. Quais suas percepções sobre conseqüências da gravidez na adolescência:**

- ☐ Ter um filho tão cedo prejudica a vida da jovem.  
☐ Mesmo tão jovem, ter um filho é uma felicidade.  
☐ Já que ficou grávida, ter o filho é uma obrigação.  
☐ A mãe vai ter um peso pro resto da vida.  
☐ Outros \_\_\_\_\_

**3. Você acredita que:**

- ☐ O homem deve ficar virgem até casar.  
☐ A mulher deve ficar virgem até casar.  
☐ Casar virgem é igualmente importante para homem e mulher.  
☐ A virgindade não tem importância alguma, é coisa do passado.

**4. Você já manteve relação sexual com alguém? Sim ( ) Não ( )**

**5. Se sim, com que idade foi sua primeira relação sexual? \_\_\_\_\_**

**6. Quais métodos contraceptivos você conhece?**

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**7. Você já fez ou ouviu piadinhas, chacotas e comentários que envolvam a orientação/opção sexual de alguém? Sim ( ) Não ( )**

**8. O que você sente quando vê dois homens ou duas mulheres trocando carinho, beijos, etc...?Por quê?**

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

**9.Qual sua opinião sobre o preconceito?**

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_